

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE ARTE E CULTURA  
CURSO DE DESIGN-MODA**

**DAVID MARQUES PEREIRA**

**“POISON MAGAZINE”**

**FORTALEZA  
2018.1**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

P49p Pereira, David Marques.  
Poison Magazine / David Marques Pereira. – 2018.  
43 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Cyntia Tavares Marques de Queiroz.

1. desconstrução. I. Título.

CDD 391

---

DAVID MARQUES PEREIRA

**POISON MAGAZINE**

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra Cyntia Tavares Marques de Queiroz (Orientadora)

---

Profa. Esp. Manuela Fátima Paula de Medeiros

---

Prof. Mestre Fernando Luis Maia Cunha

# POISON



**Poison é uma homenagem á todos os corpos que ficam á margem do comum, do normal, os que não se encaixam! Esse é um manifesto pela liberdade, para que não haja mais dor ao vestir, ao ler, e admirar, se acabe. Para que a Moda repense suas caixinhas, suas prisões. É ainda uma celebração a existência de pessoas como essas duas divas: Lady Gaga e Beth Dito, que propõem sempre uma desconstrução das normatividades e emancipação dos corpos. Muito obrigado!**

# DAVID MARQUES



**David Marques é graduando em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará. Ama a Moda, mas foge de um croquí como o Diabo foge da cruz, ele prefere brincar com as palavras. Cria dessa geração dos anos 80/90, tem uma habilidade especial em escrever sobre gênero, sexualidade, corpo, moda e cultura POP, claro! Já possui alguns trabalhos na área de Jornalismo de Moda, com mídia impressa e virtual. Acredita que Diana Vreeland é a maior expoente como editora de moda!**



# BRIEFING

**Natureza do projeto e contexto**



**JUSTIFICATIVAS:** Poison vem questionar esse modo padronizado de comunicar e alimentar um padrão de corpo e comportamento. A revista vem transgredir esse véu de normas do mainstream e comunicar com essa galera que não se enxerga nas revistas de moda atuais.



# BRIEFING

---

**Natureza do projeto e contexto**



**OBJETIVO DO PROJETO:** o objetivo da Poison é comunicar com pessoas que não se vêem nos meios de comunicação do mainstream. E para além disso, celebrar a beleza de outros corpos, estilos e comportamentos.



# BRIEFING

**Natureza do projeto  
e contexto**



**RESULTADOS DESEJÁVEIS:**  
estabelecer uma ponte entre estes indivíduos que não se sentem parte desse mundo tão excludente da moda e algo que lhes representem. Seja em forma de texto, imagem, ou som!



# BRIEFING

**Análise  
Setorial**



## **LISTA DE PRODUTOS:**

- Revista versão digital;
- Página no Facebook;
- Perfil no Instagram (@poison\_magazine)
- Site (<https://poisonfashionmag.wordpress.com/>).

**CONCORRENTES: Vice, I-D, Variety e Milk.**





# BRIEFING

## Análise Setorial



**MARCA:** Poison vem com uma identidade forte estabelecida dentro da estética Punk e da cultura POP, para reforçar essa quebra com os padrões de comunicação do mainstream.



# BRIEFING

## Análise Setorial



**ESTUDO DAS TENDÊNCIAS:** Poison é direcionada para a geração que surgiu na década de 80, e que creceu envolvida com todos os temas que a revista aborda, e que não encontram em publicações de moda mais comerciais. Os temas que a revista aborda vão de encontro com os anseios dessa geração oitentista. Em nosso estudo também identificamos algumas tendências presentes na análise de Faith Popcorn, como: Formação de Clãs, Egonomia, 99 Vidas e Consumidor Vigilante.

# BRIEFING

## Análise Setorial



**ESTRATÉGIA DA EMPRESA:** Poison aposta em um primeiro momento no lançamento de sua versão digital, como modo de sentir o mercado da comunicação de moda e a receptividade da publicação. Acreditamos que nosso público-alvo está envolvido pelo mundo digital a maior parte do seu dia e esse pode ser um fator importante no modo de consumir o nosso conteúdo.





# BRIEFING

## Público-Alvo



**CARACTERÍSTICAS DO PÚBLICO-ALVO:** sem sexo definido, dos 20 aos 40 anos (ou mais), escolaridade a partir do ensino médio, renda acima de um salário mínimo e meio, indivíduos ligados à comunicação, moda, música e artes visuais, que curtem ir a shows, desfiles de moda, exposições de arte, entre outros hobbies. São indivíduos que buscam um conteúdo para além do mainstream das revistas comerciais de moda.

# BRIEFING

## Público-Alvo



Buscam conteúdo sobre sociedade, política, moda entre outros, através de redes sociais, sites, podcasts, mídia impressa, entre outros meios. Estão conectados ao mundo digital 24h por dia. São pessoas desconectadas de instituições religiosas, ateias ou agnósticas. Consomem entretenimento através de serviços de streaming e internet, raramente através de canais abertos de televisão. Estabelecem sempre um consumo consciente, tanto social, econômico e ambiental.

# BRIEFING

**Portfólio da  
Empresa**



**O Produto não está vinculado a uma empresa, trata-se de uma produção autoral, sem vínculos. Como portfólio pessoal, há outros projetos de natureza publicitária e a edição da revista (para fins acadêmicos).**





# BRIEFING

---

**Objetivos do Negócio  
e Estratégias de  
*Design***

A revista é uma ideia autoral, mas pretende-se, a partir desse projeto, apresentá-la ao Grupo BPSJ Serviços de Publicidade LTDA, com o propósito de que 'comprem a ideia' e possa financiá-la.



# BRIEFING

**Objetivo, Prazo e  
Orçamento do  
Projeto**



**TEMPO PREVISTO: primeiro semestre de 2018.**  
**ORÇAMENTO: R\$300,00.**  
**RECURSOS HUMANOS NECESSÁRIOS:**  
**Jornalista, Diretor de arte,  
Diagramador, Fotógrafo, Produtor de  
Moda, Auxiliar de Produção, Figurinista  
e Web Designer.**





# BRIEFING

**Objetivo, Prazo e  
Orçamento do  
Projeto**



**RESPONSABILIDADE POR  
APROVAÇÃO:** Trata-se de uma  
produção autoral, que levará em  
consideração os apontamentos  
levantados pela banca examinadora  
do TCC1.



# BRIEFING

**Aprovação,  
Implementação  
e Avaliação**



**PREPARAÇÃO DOS MATERIAIS  
DE APRESENTAÇÃO: David Marques,  
durante todo o primeiro semestre  
de 2018.**

**RESPONSÁVEIS PELA APROVAÇÃO:  
Orientadora, num primeiro momento e,  
posteriormente, a banca examinadora  
do TCC 1.**



# BRIEFING

**Aprovação,  
Implementação  
e Avaliação**



**PROVIDÊNCIAS NECESSÁRIAS  
PARA IMPLANTAÇÃO:** lançamento  
da versão digital; busca de  
patrocinadores.

**CRITÉRIOS PARA MEDIR O SUCESSO  
DO PROJETO:** número de acessos do site,  
de downloads da versão digital, e análise  
do envolvimento que a as mídias da Poison,  
e sua publicação, obtiverem após  
seu lançamento.





# BRIEFING

Informações de  
Pesquisas



**TENDÊNCIAS DOS NEGÓCIOS:** aposta em um público menos comercial como público-alvo consumidor de conteúdo de moda e comportamento através da mídia digital.

**AVANÇOS TECNOLÓGICOS:** num primeiro momento a publicação irá explorar a plataforma virtual, aliado às mídias sociais.



# BRIEFING

**Informações de Pesquisas**

**LANÇAMENTO DE NOVOS PRODUTOS:** após o lançamento da versão digital da revista, pretende-se vender a ideia para um grupo editorial com a finalidade de entrar para o mercado de comunicação de moda de mídias impressas.



# CONCEITO DA MARCA

Poison, emprestou do universo punk toda sua estética eletrizante. A revista não traz o movimento transgressor apenas como temática de sua edição piloto. Todo o visual da marca e da publicação apresenta elementos atípicos do mundo da moda, justamente para transpor esse discurso padronizado das publicações de moda mais mainstream.





# PÚBLICO - ALVO





# RELEVÂNCIA DO TEMA

O tema punk de Poison vem para reforçar o discurso da revista. A discussão que Poison vem propor vai muito além da moda, transgride o tema e propõe conversas sobre corpo, gênero, comportamento, sexualidade e política. A relevância do tema se dá no espectro de publicações do maistream que não abarcam tais discussões tão presentes no contexto atual de mundo.





# PÚBLICO - ALVO



- ⚡ Crias da geração dos anos 80 e 90;
- ⚡ Ouvem música pop, rock, grunge, indie e punk;
- ⚡ Não consomem marcas de moda do mainstream. Compram em brechó;
- ⚡ Curtem baladas alternativas e assistem RuPaul's Drag Race;
- ⚡ Indivíduos imersos nas redes sociais;
- ⚡ Acompanham as discussões de gênero, sexualidades, corpo e política.

# PERSONA

INCONFORMADA

CONECTADA

CONSUMO CONSCIENTE

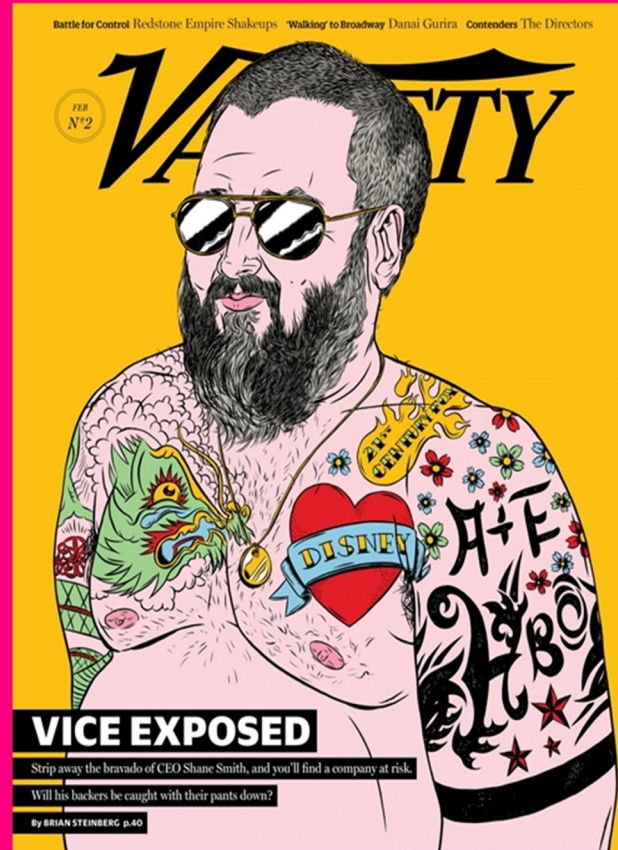
COSMOPOLITA

CONTEMPORÂNEA





# PAINEL DE MERCADO / CONCORRENTES



# POISON

A Poison traz um conceito de comunicação de moda que foge do universo mainstream, assim como os concorrentes estudados. O logo traz uma identidade forte, com base na estética do movimento Punk e da cultura POP.



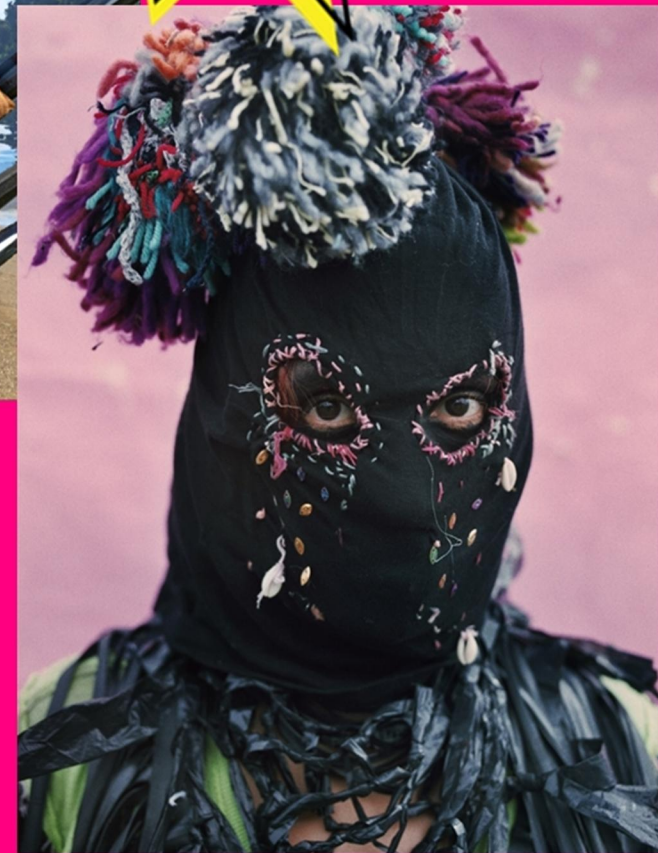
# PAINEI TECNOLÓGICO



**Equipe Editorial:**  
**Brenda Kelvya**  
**David Marques**  
**Mallkon Araújo**



# IMAGENS ASSOCIATIVAS





# PAINEL DE VOCAÇÃO REGIONAL



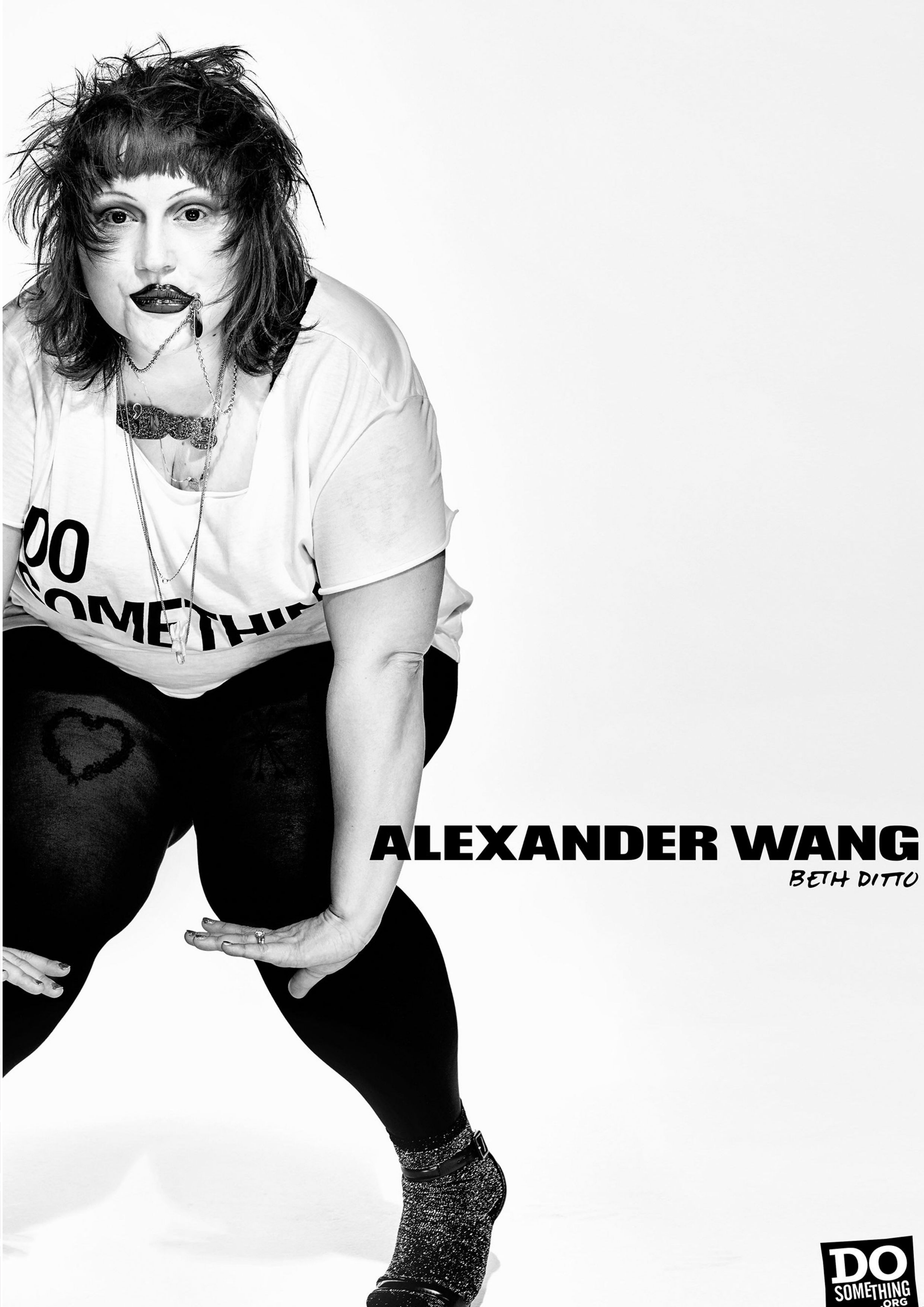


# POISON



PPAARENNTAALI  
ADVISORY  
EXPLICIT CONTENT





**ALEXANDER WANG**  
BETH DITTO

**DO**  
SOMETHING  
.ORG





**VOTE  
FOR  
PUNK**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**MAKE  
YOUR  
VOTE  
COUNT**

**MAKE  
YOUR  
VOTE  
COUNT**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**MAKE  
YOUR  
VOTE  
COUNT**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**BREWDOG**



# You Decide.

## Death?



## Life?

The Earth is dying, are you simply going to let it go?  
You could save it by planting a tree or even consuming recycled paper.  
You could save it by closing the tap, while you brush your teeth in the morning.  
You could save it by not polluting the environment.  
You could save it in many ways.  
So, **STOP!** see, think, observe and plan!



YOU gain when YOU sustain.



**WITH LOADS  
OF BANANA!**





### O veneno foi criado!

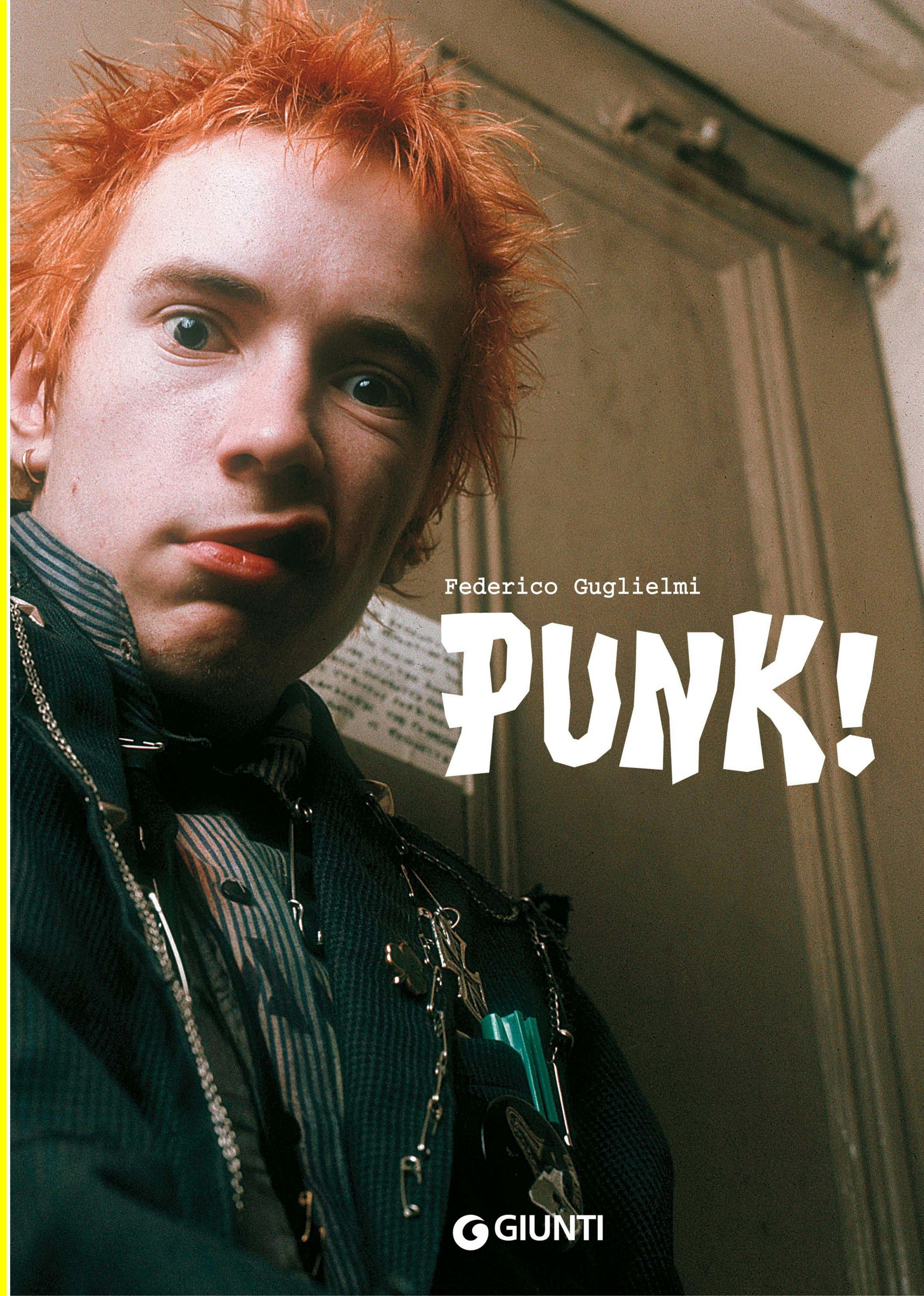
**F**inalmente Poison vem mostrar sua cara, ou melhor, sua capa! O veneno foi criado, e com isso pretendemos intoxicar o mundo da moda. Mexer com as estruturas normativas que há tanto tempo vêm sendo alimentados com os padrões que a moda cria, e que segregam a maior parte dos corpos que estão á margem dos jeans número 36.

A contemporaneidade grita por liberdade, os indivíduos querem se mostrar, aparecer, e se sentirem representados. Queremos a "imperfeição" da vida real. Queremos as cicatrizes dos corpos de verdade estampando as páginas das revistas de moda. E por isso emprestamos toda a atitude ruptora e eletrizante do movimento punk. Essa estética rebelde da desconstrução que propôs essa contracultura pode contaminar a moda e trazer ares mais representativos para estas páginas.

Fugir do mainstream, abandonar o óbvio, trilhar caminhos mais conscientes pode não ser uma tarefa fácil, mas não podemos mais causar tanta dor e sacrifício. É tempo de pedir desculpas por todas as chagas abertas em todo o passado magro, alto e loiro, e começarmos a pensar em uma moda que vista pessoas "normais".

Estejamos abertos para o estranho, para o que nem sempre foi mostrado. Estejamos disponíveis para nos despir dos "pré conceitos" e nos prepararmos para ver sentido no que faz sentido, no que realmente importa. Afinal de contas, a moda que você veste, veste quem?

**David Marques**



Federico Guglielmi

# PUNK!



# POISON

## EQUIPE POISON

### Diretor Editorial

David Marques

### Diretor de Redação

David Marques

### Diretor de Moda

David Marques

### Diretor de Estilo

David Marques

### Diretor de Arte

David Marques

### Editor Chefe

David Marques

### Produtor Gráfico

David Marques

## MODA

### Editor de Editorial de Moda

Mallkon Araújo

### Editor de Tendência

David Marques

### Equipe de Stylist

David Marques

Brenda Kelvya

Mallkon Araújo

### Produtor de Moda

David Marques

## REDAÇÃO

### Editor de Beleza

David Marques

### Editor de Comportamento

David Marques

### Editor de Cultura

David Marques

### Editor de Moda

David Marques

### Editor de Opinião

David Marques

## PUBLICIDADE

### Editor de Marketing

David Marques

### Editor de Publicidade

David Marques

### Editor de Arte

David Marques

### Designer

David Marques

## DIGITAL

### Editor

David Marques

### Reportagem

David Marques



For difficult little people.



# sumário



MOVIMENTO

**Afropunk Festival**

**14**

ENTREVISTA

— **Daniel Peixoto**

**20**



NEWS

**Patti Smith**

**28**



EDITORIAL

**Beth Ditto**

**34**



# POISON

BEAUTY

**Rebéllica beleza!**

**44**



ENTREVISTA

**Patricia Dawson**

**52**



CAPA

**IN-corpos**

**66**



PERSONA

**Vivienne Westwood**

**78**





## Afropunk Festival!



por David Marques

O Afropunk surgiu a partir do documentário de mesmo nome, lançado em 2003, produzido por Matthew Morgan e dirigido por James Spooner. O filme "Afropunk" traz um retrato dos jovens negros da cena punk-indie rock-hardcore com várias entrevistas, e foi recebido muito bem pela comunidade. Essa foi uma forma fantástica de fazer esses jovens se conhecerem. Desse modo eles começaram a trocar muita ideia pela internet, e foi a partir daí que em 2005 rolou a primeira edição do Afropunk Festival.

Para celebrar e unir a comunidade através da música, a primeira edição do Afropunk Festival aconteceu em um lugar emblemático, o Brooklyn Academy of Music (BAM), de Nova York. O festival traz essa ideia de celebração da personalidade e estilo de indivíduos plurais, diversos, de força e respeito, tudo isso através do skate, da música, e da moda, que nunca esteve descolado desse movimento. A primeira edição do Festival aconteceu de forma espontânea e gratuita, e contou com a exibição de filmes, shows e até um piquenique, cheio de jovens compartilhando as mesmas paixões.



# POISON



Em mais de uma década de Afropunk Festival o evento cresceu muito e ganhou proporções internacionais, com um line-up poderoso, contando com nomes como: Janelle Monáe, Tyler The Creator, Chuck D, Ice Cube, Suicidal Tendencies, Saul Williams e muitos outros nomes de peso. Em 2017 o evento teve cinco edições e passou por Paris, Londres, Brooklyn, Atlanta e Johannesburg, se consagrando como um dos mais importantes festivais da cena alternativa. Infelizmente o evento não conseguiu se manter de forma gratuita, até por ser uma maneira de investir no Festival e nos artistas que contribuem para que ele exista. Mas ainda trabalham com um esquema de trabalho voluntário, o qual é possível curtir o Afropunk Festival de forma gratuita!



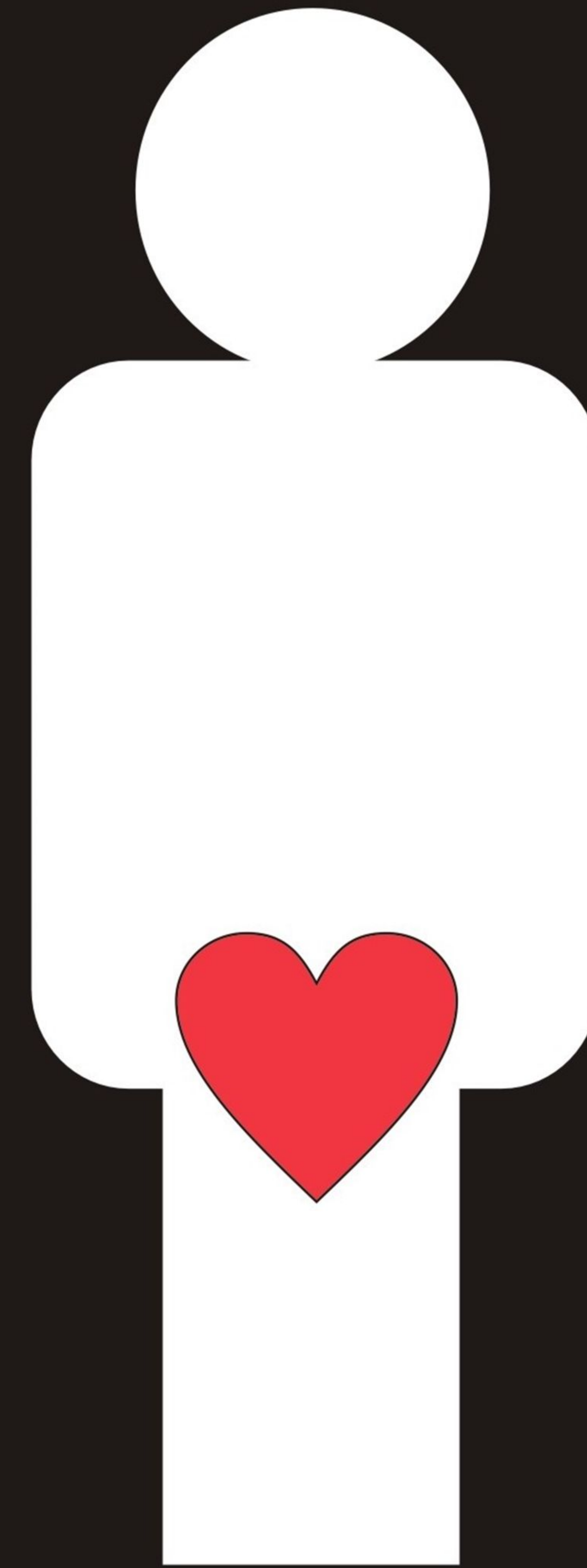
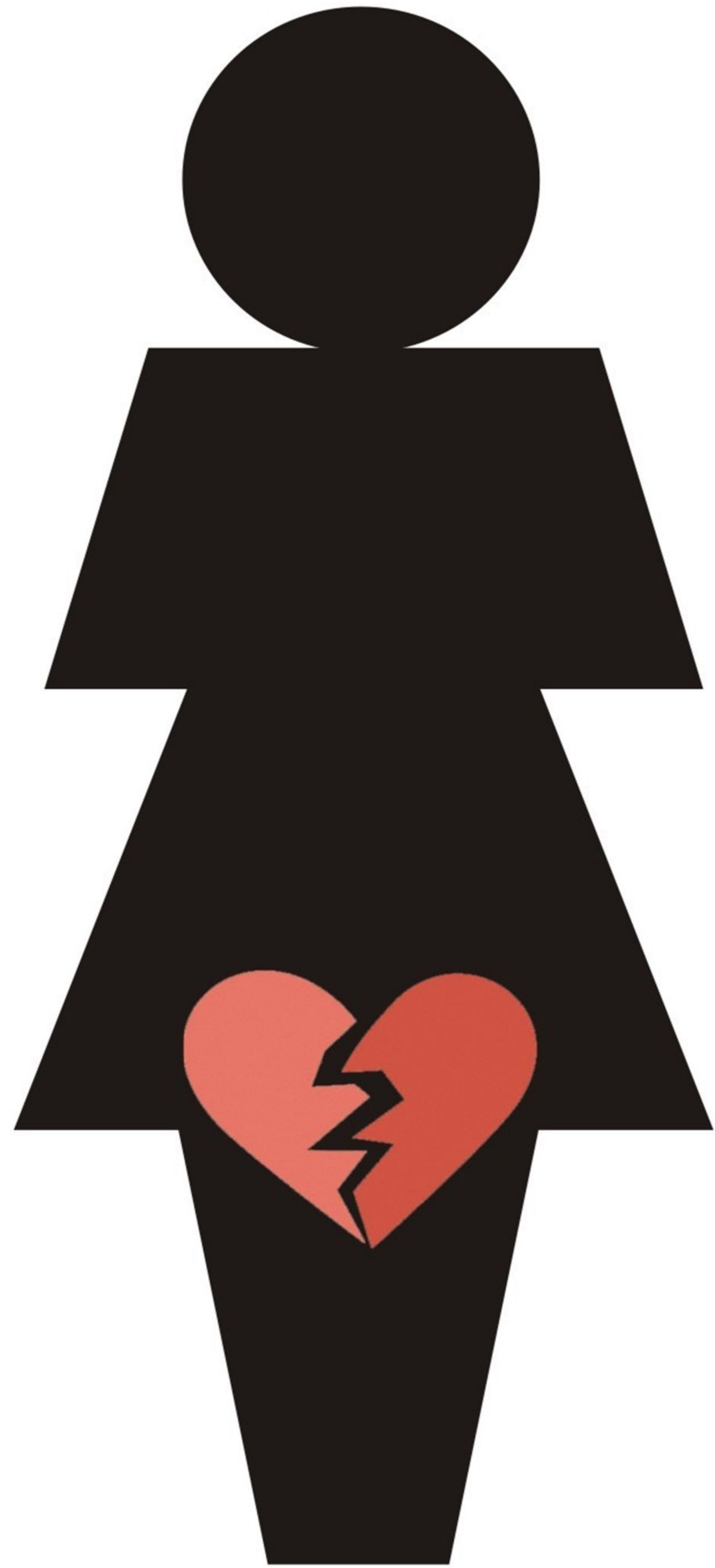
# POISON



A importância do Festival não se dá somente na possibilidade de curtir a programação do evento, mas sim de celebrar o movimento que surgiu de forma orgânica e horizontal. Além de ser um espaço de extrema necessidade, proporcionando vivências riquíssimas para a juventude negra.



**SEM CAMISINHA, NÃO DÁ!**



**COM CAMISINHA, TÔ DENTRO!**



## Daniel Peixoto



por David Marques.

**D**aniel Peixoto é um cantor brasileiro natural do sertão do Ceará, mais especificamente da cidade do Crato. Em 2005, iniciou um projeto de electro-punk, junto ao DJ Leco Jucá, o que projetou seu nome para o cenário nacional da música, e posteriormente, sendo reconhecido também fora do Brasil. O cantor contou um pouquinho de sua carreira para a POISON. Vem conferir!



# POISON



**POISON:** Como foi pra você o processo de se reconhecer como gay?

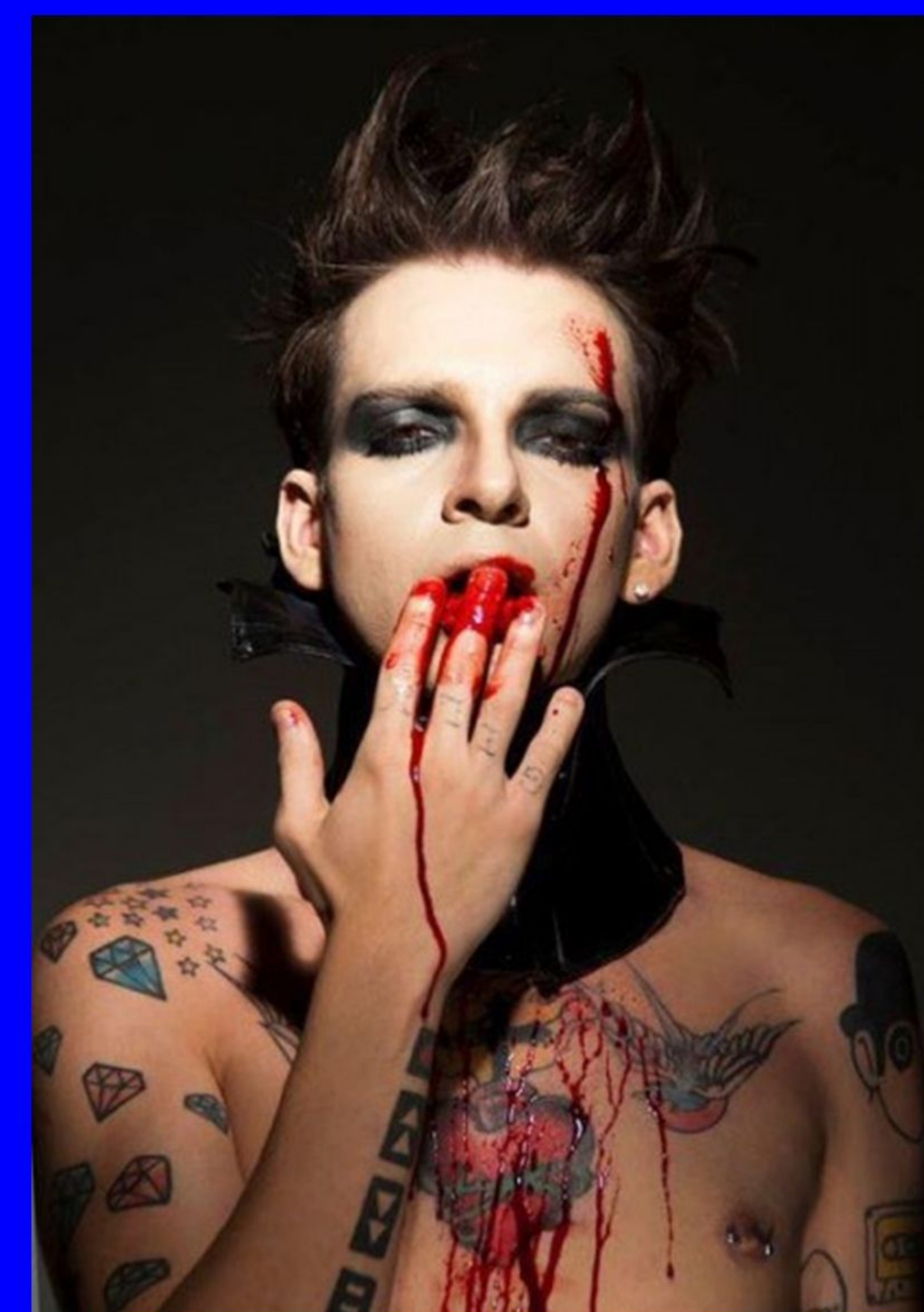
**Daniel Peixoto:** Foi durante a infância já, eu sempre tive um forte entendimento de quem eu sou!

**POISON:** Como se deu a formação de sua antiga banda, o Montage?

**Daniel Peixoto:** Antiga me soa pejorativo! (risos) Afinal estamos na ativa e passamos bem. Hahaha. Mas começou no (aí sim) antigo Noise 3D, era pra ser uma festa com esse nome, fizemos um live de música eletrônica de forma experimental que bombou, daí seguimos repetindo esta fórmula!

**POISON:** Como ritmos e movimentos estrangeiros, como o punk, influenciaram no som do Montage, e posteriormente na sua carreira solo?

**Daniel Peixoto:** Esses sons era o que eu ouvia na época, e os meus amigos da banda também! A gente tava com a cabeça mais em Berlim e NYC do que em Fortaleza, daí veio o punk, o electro etc.



**POISON:** Como foi o processo de término do Montage?

**Daniel Peixoto:** Acabamos de boa em 2009 e seguimos nossas vidas, foi cada um pro lado, mas não teve brigas ou algo assim, deu o que na época tinha q dar... Nos reunimos em 2015 pra turnê de 10 anos da banda e estamos de volta desde então!

**POISON:** Após esse término você se aproximou de ritmos mais brasileiros, inclusive alguns tipicamente cearenses. Como se deu esse processo?

**Daniel Peixoto:** Isso tem a ver com o amadurecimento musical e pessoal, fui me permitindo a outros ritmos que antes não me interessavam mas que eu passei a me interessar depois, tem tanta coisa linda na nossa cultura popular, pq não usar isso também?

# POISON



**POISON:** A estética queer esteve desde o início presente em seus trabalhos, e atualmente ganhou mais força com artistas nacionais, como Pablo Vittar, Johnny Hooker e Liniker. O que você acha desse cenário cada vez mais diverso? Você se considera um influenciador dessa leva de artistas?

**Daniel Peixoto:** Acho incrível que tenha se tornado cena, com vários artistas militando enquanto fazem arte. Não sei se posso me considerar influenciador desses artistas, mas o Montage plantou uma semente que hoje, com certeza, eles se beneficiam dela!

**POISON:** Você acha que a sua sexualidade foi um fator importante para a formação do seu som e estética?

**Daniel Peixoto:** Não, minha sexualidade nada tem a ver com o sucesso da banda, a banda fez sucesso porque é boa!





# POISON

**POISON:** Você está trabalhando em um novo material com o produtor Gorky, que fez parte do Bonde do Rolê, que trazia um proposta similar ao seu som. Como se deu essa aproximação?  
**Daniel Peixoto:** Já eramos amigos justamente por conta desses encontros das bandas nas estradas. Sempre quis trabalhar com ele e através do Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes isso se tornou realidade, acho ele genial e estou muito feliz que finalmente podemos trabalhar juntos!

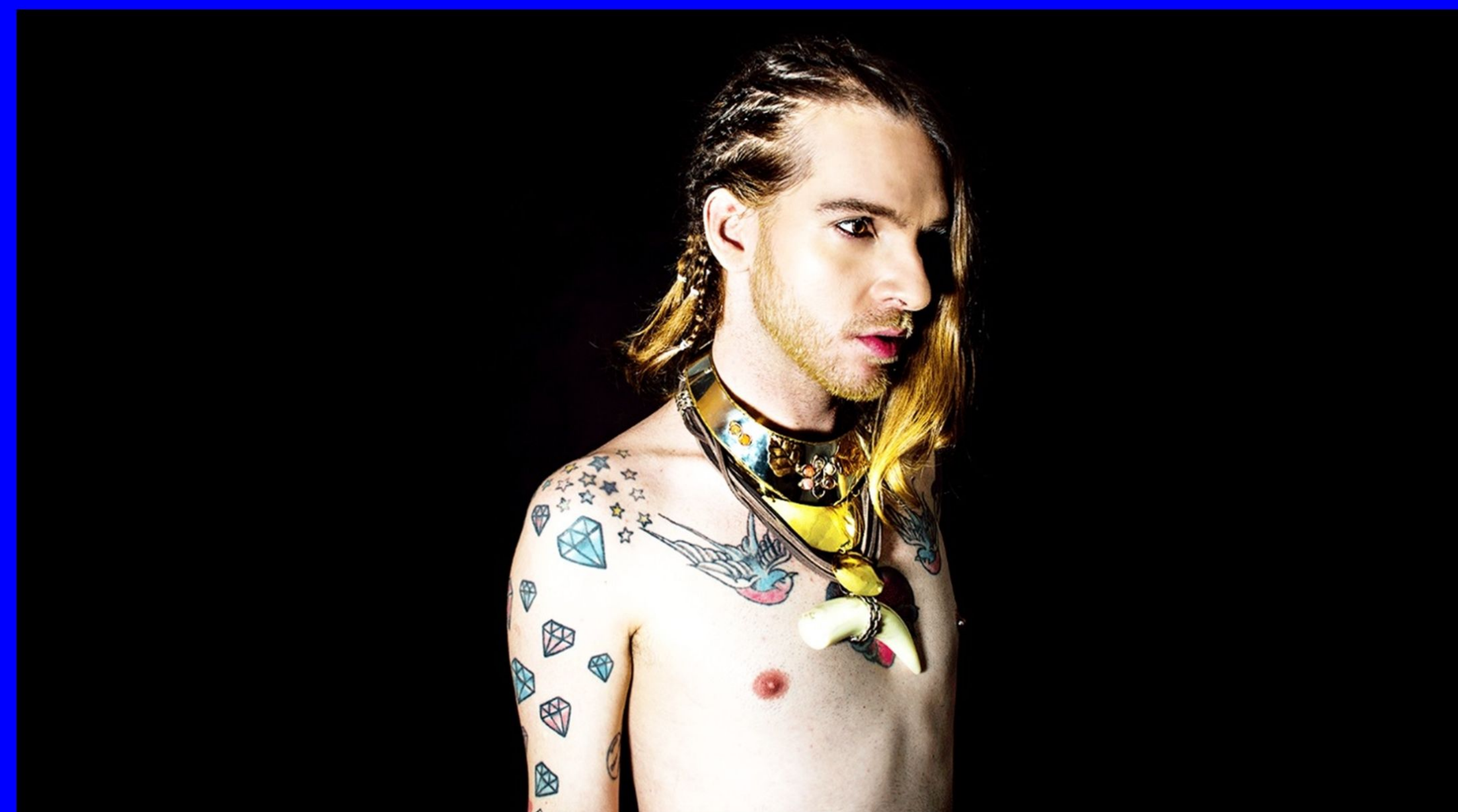


**POISON:** Como tem sido trabalhar com ele em seu próximo álbum?  
**Daniel Peixoto:** Ele é muito prático e já sabia desde o começo o que queríamos: algo pop e fresh. Não posso falar muito porque é segredo! Hahaha.

**POISON:** Sua relação com a moda começou muito cedo, trabalhando como modelo, e sempre esteve muito ligada a essa estética andrógina. Você acha que essa discussão de gênero é algo já superado na moda ou que ganhou mais força com o agênero?  
**Daniel Peixoto:** A moda vai e volta assim como esse tema! Nunca vai passar 100% porque a moda tem essa necessidade de se reinventar o tempo todo, androginia é belo e a moda gosta disso!

# POISON

**POISON:** Analisando todos os seus trabalhos, podemos perceber a moda como um fator importante para construção da sua performance. Quais são suas maiores referências do mundo fashion? Você acha que a moda seja algo relevante para a construção de sua identidade?  
**Daniel Peixoto:** Acho sim! Você diz muito com suas roupas e é aí que ela entra no meu trabalho. Amo moda mas não sou uma vítima dela, tenho um uso consciente e responsável sobre isso. Na nossa moda amo Lino Villaventura, Walter Rodrigues e Weider Silveiro, e amo usar suas criações!







## Helps prevent clothes ageing.

The new Samsung washing machine range with gentle Aqua Shower, anti-bobble Diamond Drum and revitalising Air Refresh. Smart thinking. Simple living.  
[samsungwashing.co.uk](http://samsungwashing.co.uk)





## Patti Smith lança documentário sobre seu primeiro disco, o clássico “Horses”

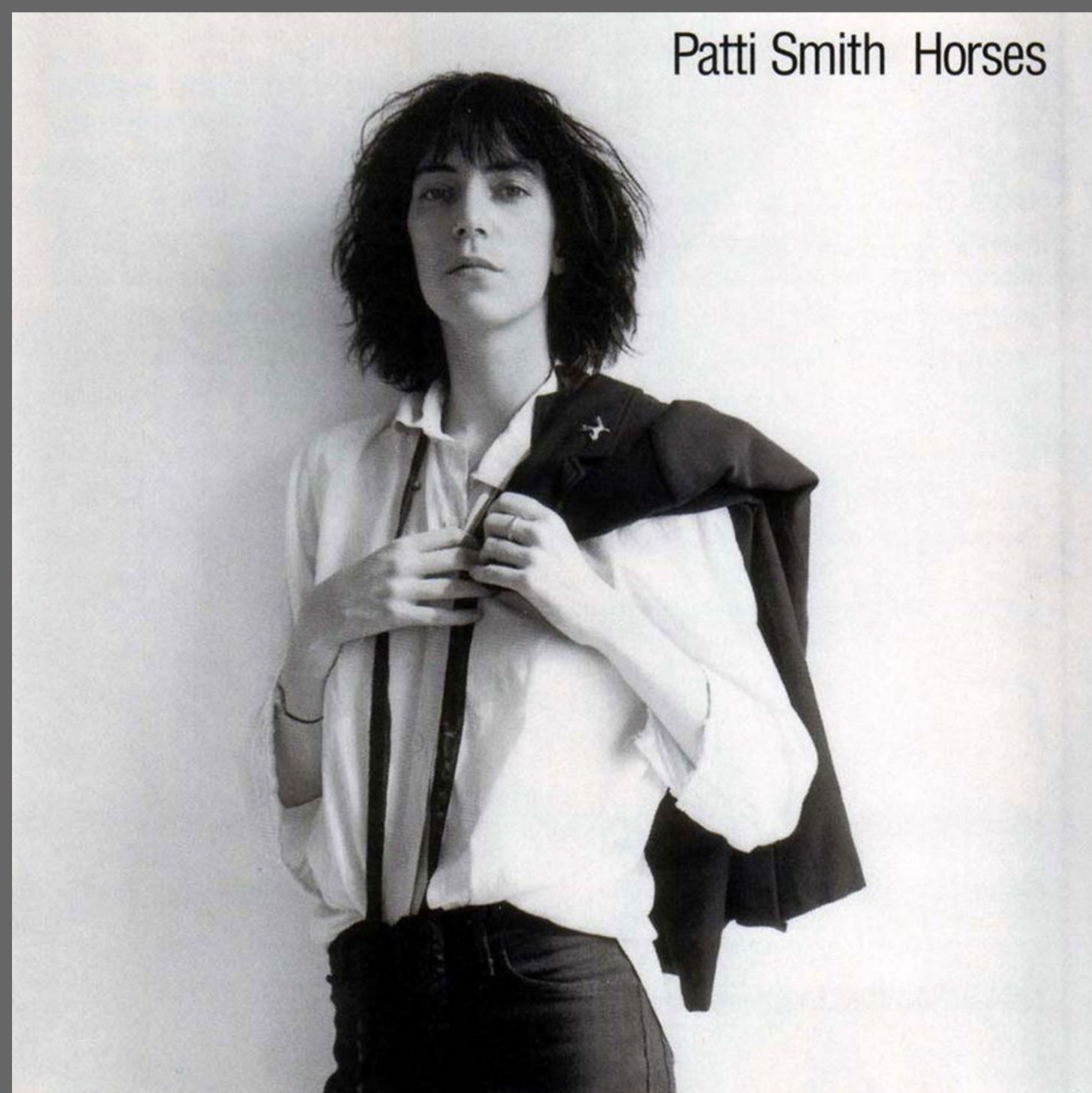


por David Marques.

**P**atti Smith lançou dia 23 de abril, no Festival de Cinema de Tribeca, seu mais recente projeto, um documentário onde mostra os shows que fez por Los Angeles, ao comemorar o 40º aniversário do álbum que a lançou, assim como os detalhes dos bastidores. "Jesus morreu pelos pecados de alguém, mas não pelos meus. "Assim começa Horses (1975), o disco de estreia da cantora que dá nome ao seu novo documentário, dirigido por Steven Sebring, "Horses: Patti Smith and her Band".



# POISON



A cantora aproveitou o momento ainda para fazer um breve show do qual participaram seus amigos Bruce Springsteen e Michael Stipe, líder do R.E.M. A artista tocou no festival alguns de seus hinos, como a canção que começa o disco, Gloria (In Excelsis Deo), uma versão da música de Van Morrison, à qual, em 1975, acrescentou versos inéditos e partes de seus poemas. Esses versos, que faziam referência a Jesus, escandalizaram os mais puritanos, que não podiam acreditar que uma moça criada em uma família de Testemunhas de Jeová pudesse blasfemar assim, ainda que Patti Smith tenha sido sempre um verso solto. Uma vez que acabou o colégio, começou a trabalhar numa fábrica, o que detestava, mas que inspirou suas primeiras canções, e pouco depois deu à luz uma menina que deu para adoção em 1967. No mesmo ano, abandonou Nova Jersey e se mudou para Manhattan, onde conheceu o "artista de sua vida", o fotógrafo Robert Mapplethorpe, com quem começou uma relação complexa marcada pela homossexualidade dele e pela pobreza em que viviam.

Os retratos que Mapplethorpe tirou de Smith serviram como capas de seus discos, e, depois de separados, continuaram bons amigos até a morte do fotógrafo por conta da aids em 1989. Uma das capas mais lembradas é a de Horses, em que Smith posa diante da câmera com sua habitual aparência andrógina e com um terno.

# POISON



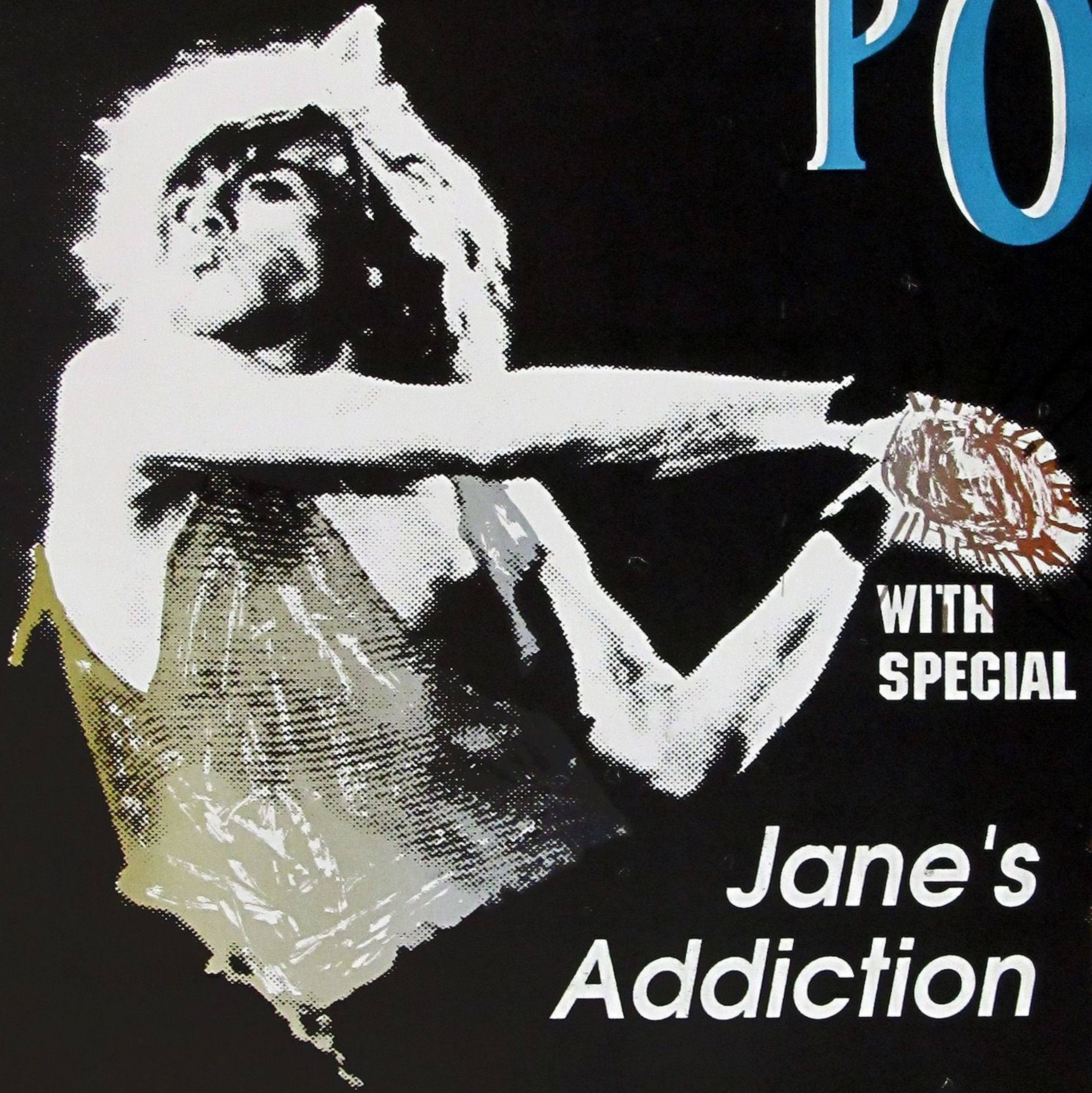
A gravação do álbum foi um "inferno", segundo Smith, que logo se arrependeu de escolher o fundador do The Velvet Underground, John Cale, como produtor, já que ambos tinham um temperamento forte e as brigas eram constantes. "Tudo que eu buscava era uma pessoa técnica. Ao invés disso, encontrei um artista totalmente maníaco. Quis escolher uma aquarela cara e me deram um espelho", revelou Patti Smith.

Aos 71 anos, Smith pode se gabar de ter composto verdadeiros hinos do punk e de ter deixado sua marca em artistas do calibre de U2, R.E.M, The Smiths, Sonic Youth e Madonna.



GO  
WEST  
Presents

# IGGY POP



WITH  
SPECIAL GUEST

*Jane's  
Addiction*

**SAT OCT 15TH 9PM  
AT THE CANNERY**

advance tickets available at all **TICKETMASTER** locations  
including **CAT's Records**

©1988 Encore PressWorks



DON'T FEED YOUR FEAR.  
**OMRON**





**B**eth Ditto transmite toda a atitude da nossa revista. A cantora estadunidense imprime em sua performance as discussões que acreditamos, e por isso ela traz todo esse discurso para as páginas da POISON!















MINHA VIDA COMO UM  
**RAMONE**

**PUNK ROCK  
BLITZKRIEG**

**MARKY RAMONE**

com RICH HERSCHLAG

Planeta

NEW YORK

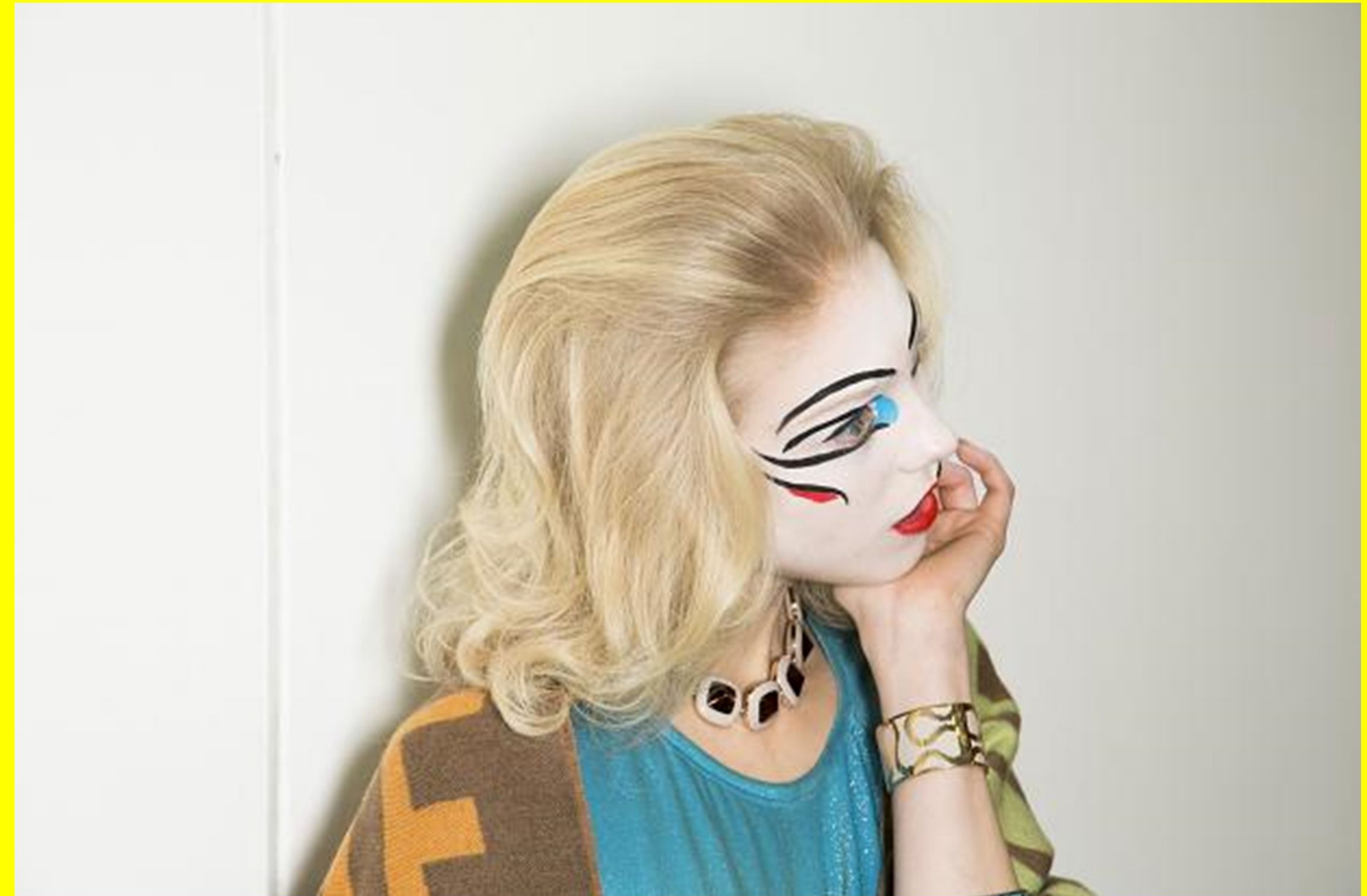


**WITH LOADS  
OF BANANA.**





## Rebéllica beleza!



por David Marques.

**N**ão é difícil falar de moda e beleza de forma responsável. Abordar tendências, falar de maquiagem, resenhar desfiles, nada disso precisa ser necessariamente tratado de forma rasa ou excludente. Principalmente quando é algo que traz aspectos de liberdade. O makeup tradicional, com o esfumado bem demarcado, delineado perfeito, parece estar com os dias marcados. Vemos ser cada vez mais forte duas ondas, a da maquiagem natural, com pele hidratada, e um glow natural; já a outra traz um makeup super desconstruído, sem pretensão de respeitar qualquer limite ou regra, explorando linhas e blocos de cores, trazendo uma aparência mais conceitual.



# POISON



O visual desconstruído ainda traz referências da arte moderna, do movimento Punk, e da cultura POP. E não é atoa que a super camaleoa do POP, a cantora Lady Gaga, apareceu diversas vezes no final de 2013 com esse makeup borrado, para divulgar seu single da época, "Applause".



Nas passarelas, Vivienne Westwood é uma das que também vem apostando já há algumas temporadas no visual desconstruído para os seus desfiles.



# POISON

Fora do catwalk a maquiagem mais descomprometida com a perfeição vem adaptada e se traduz em sombras homogêneas, aplicada sem muito comprometimento, e na maioria das vezes, com os próprios dedos.



O makeup reflete muito do contexto que estamos, das discussões que estão sendo feitas, das sentimento de poder que tem tomado cada vez mais mulheres. E isso tudo reflete no modo de se comportar, de se vestir, e inclusive no modo de se maquiar. A celebração à beleza sem compromisso tem sido algo presente no cotidiano feminino, e é maravilhoso! E se você não é lá muito fã de maquiagens mais extravagantes, pode seguir o caminho dos visuais mais discretos, como os que apresentam um leve esfumado róseo ao redor dos olhos, conferindo um ar de "olhos de ressaca".













## Resistindo ao CIS-tema!



por David Marques. Fotografia: Mateus Monteiro.

**F**ugindo dos padrões de cor e medida impostos aos corpos da modernidade e sendo transsexual, Patricia Dawson encontrou no teatro o verdadeiro dom e o abrigo que por vezes faltou nos amigos e familiares. Em entrevista exclusiva à Poison, a atriz conta as dificuldades que vivenciou desde a adolescência, o encontro com o teatro e a relação com o próprio corpo e a moda.



POISON: A escola é uma das instituições mais importantes na formação do indivíduo e da identidade, e também é um espaço onde as opressões são fortes e muito presentes. Como foi sua vivência durante esse momento inicial de inserção em sociedade?

Patricia Dawson: Sempre vi a escola como o lugar onde a gente aprenderia a ser mais amigo um do outro, mais acolhedor, mas eu sempre vivi uma questão meio complicada, meio clichê – acho que todas passam por isso. Na minha fase de escola primária eu ainda não era transexual, era aquele garotinho gayzinho, mas eu já conseguia identificar que o preconceito era muito grande. Sem contar que, no Ensino Médio, isso fica muito evidente. Você acaba sendo muito excluída porque os grupos são muito bem formados, as tribos são muito bem definidas: as meninas são com as meninas, os meninos são com os meninos, os forrozeiros são com os forrozeiros, e acaba que as bichas são uma minoria. Na minha sala de Ensino Médio, por exemplo, só tinha uma bicha, e eu praticamente só tinha amizade com ela. Mas eu sempre procurei ser uma figura muito presente na escola, sempre fui presidente de grêmio, sempre organizava as questões culturais da escola, eu sempre queria estar inserida, nunca quis deixar que aquele preconceito me deixasse à margem, me sentir a sofredinha, a coitadinha.

Eu conseguia ter o respeito de alguns professores, de alguns coleguinhas, por conta da seriedade com que eu fazia as coisas.

POISON: Quando você fala em preconceito nessa época, eram brincadeiras, chacotas?

Patricia Dawson: É, sempre era brincadeira, na questão do bullying. Expor ao ridículo, sabe? Eu me lembro muito bem de algumas coisas: 'esse viado preto', 'esse viado gordo', entendeu? Então por mais que isso ofenda, que isso deixe muito mal, eu pensava: "não, eu não vou me fazer de sofrida, eu não vou me fazer de coitadinha, vou continuar fazendo o que eu gosto dentro da escola". Por mais que existisse a revolta, eu sempre fui muito tranquila, sempre procurei resolver as coisas da melhor forma possível, encontrando um caminho de paz e serenidade.

POISON: Esse tempo na escola gerou algum trauma?

Patricia Dawson: (pausa) O trauma que me gerou foi, de certa forma, não confiar muito nas pessoas, entendeu? Eu sempre acreditava desacreditando, eu sempre achava que a qualquer momento eu iria ser pega de surpresa. Na minha época de adolescente, eu me lembro que era muito comum ter festinhas na escola, na igreja, no bairro, e sempre que eu era convidada, eu ficava com um pé atrás, porque nessas festinhas eu nunca poderia ser o que eu era realmente, então eu tinha que

ficar de lado. Nessas festas as meninas pegavam todos os meninos, os meninos pegavam todas as meninas, e eu não pegava ninguém, né? Eu era a estranha na historinha toda. Foi isso que me gerou essa questão da desconfiança, tanto que quando eu confio em alguém, confio com um pé atrás. Mas (sobre) essa questão de traumas de momentos de chacota, não, eu sou bem tranquila porque sempre encarei muito de frente, sempre fui fundo nas coisas, procurando fazer disso a pedrinha para construir meu castelo.

POISON: E os laços de amizade desse período?

Patricia Dawson: Eu só tenho uma amiga do tempo de colégio, por incrível que pareça. Ela foi a minha única e verdadeira amiga. Me lembro bem que ela frequentava a minha casa e meu pai sempre acreditava que ela era a minha namorada, inclusive apresentava aos amigos dele como a minha namorada, e ela ria muito. Ela era minha confidente – até hoje continua, são mais de 20 anos de amizade. Ela foi a única amiga que me restou, e depois que esse boom aconteceu na minha vida, que eu me tornei Patricia, percebi que muitos amigos da escola se achegavam, mas não por querer ser amigo, mas pela curiosidade de saber como isso aconteceu, porque que eu sou dessa forma. E aí, quando eu volto atrás daquela questão de confiar ou desconfiar das pessoas, eu

POISON: Essa amiga foi uma forma de porto seguro, de apoio, nos momentos de preconceito? Patricia Dawson: Ela foi. Eu me lembro muito bem que os meninos me chamavam de alguns apelidos – 'bolo fofo', 'bolo queimado' – e ela sempre me protegia. Ai, gente, se tiver algum momento que eu me emocione, não liguem! Eu nunca neguei a história do Edson, mas tem coisas que quando voltam à tona, elas com certeza me emocionam... Ela era muito protetora, sempre se encorajava e dizia pros meninos assim: 'Olha, não fale isso com ele, o nome dele é Edson, o nome dele não é bolo fofo, e vocês não têm que chamar ele dessa forma'. Então ela era sim a minha força, o meu porto seguro, e era uma troca. No Ensino Médio foi que a gente se afastou, pois ela engravidou, se casou, e não concluiu (a escola), mas a gente sempre tava se falando, eu sempre ia para a casa dela.

Poison: E quanto aos laços criados, ou não, com as pessoas, crianças da sua rua, do seu bairro?

Patricia Dawson: Eu costumo dizer que tive uma infância muito boa, muito bonitinha. Na rua eu brincava com meninos, com meninas, mas depois de um tempo eu me afastei das crianças da rua pra brincar com as crianças de um prédio em frente à minha casa. Cresci e me tornei adolescente junto com essas crianças do prédio. Eu me



# POISON

lembro de uma menina do quarto andar que tinha dois irmãos. Tinha um corredorzinho que ligava os apartamentos (uns) aos outros e ela botava as bonecas pra brincar e sempre quando eu ia brincar, eu começava sendo o Ken e terminava sendo a Barbie. Eu dizia: "Não, agora eu quero ser a Barbie", daí o irmão dela também brincava de ser o Ken, ser a Barbie, e o outro irmão dela ficava na janelinha dizendo: 'Tá brincando de boneca, tô vendo, viu!'. Na hora que ele dizia eu largava a boneca, mas depois continuava a brincar. Tive uma infância muito boa, e se eu pudesse voltar no tempo, eu voltaria pra minha infância. Por mais que eu tivesse a ausência de pai, a presença da minha mãe era

muito forte, muito protetora. Teve essa coisa do meu pai, mas chegou uma fase que por ele se tornar tão distante, acabou de fato ficando distante pra mim.

**POISON:** Como você acha que esse tempo de infância e escola te influenciou? Os traumas te fizeram empoderada, forte, ou acuada?  
**Patricia Dawson:** Foi um misto. Me fez ser forte, mas também me fez fraca, me fez desacreditar de muita coisa, me fez perceber que as pessoas se afastavam. Eu tentava ser forte por acreditar que o sofrimento não seria pra sempre. Até hoje eu tenho essa ideia. Essas coisas que aconteceram na minha infância e juventude serviram sinceramente pra que eu me



56

# POISON

tornasse mais forte. Pra que eu talvez sirva de exemplo para alguém, quando eu ver alguma bichinha nova que está triste, deprimida, eu poder dizer: "Bicha, passa. Tenha certeza que passa."

**POISON:** Esses momentos do passado te ajudaram a ter uma posição mais empoderada do seu corpo? De não se encaixar em um padrão e não ter medo de se mostrar.

**Patricia Dawson:** Eu nunca fui padrão, nunca. Sempre fui a criança gordinha e negrinha. Mas eu aproveitava a questão da minha diferença. "Eu sou a diferente". Eram tudo crianças brancas e eu a única preta, a única gordinha. É engraçado falar isso, mas sempre tinha um ou outro que dizia: 'Ah, como é fofinho, como é bonitinho, engraçadinho, como o rostinho dele é lindo'. Essas coisas me faziam sentir como diferente, mas nunca como a horrorosa. Em alguns momentos existia isso de eu ser discriminada, de passarem na minha cara que eu não estava no padrão, que nunca estaria, só que nunca dei muita importância, tanto é que hoje eu continuo gorda e assumindo a minha cor, que nunca neguei.

**POISON:** Dentro da Igreja, você se questionava muito quanto a si mesma, se você estava certa ou errada?

**Patricia Dawson:** Eu já era vista como a gayzinha. Minha irmã foi quem me levou para a igreja, ela era extremamente católica. Tem um amigo da minha irmã que



hoje é muito meu amigo, e ele me disse assim: 'A gente sempre soube que em algum momento o Edson seria A fulana', porque ele dizia que eu era uma criança bem afetadinha. Na realidade muita criança gay na Igreja não é vista como gay, mas como sensível, uma criança carinhosa. Na fase dos 10 até os 14 anos, mais ou menos, que eu era do grupo de coroinhas da Igreja, não tinha essa discriminação, até porque, por mais que eu fosse muito gayzinha, as pessoas interpretavam como uma delicadeza, eu sempre me lembro de escutar essa palavra. Mas quando você

57



# POISON



entra na adolescência as coisas mudam. Fui para um grupo de jovens franciscanos, e comecei a me sentir uma carta fora do baralho. Por mais que tivesse um ou outro mais descolado, mais bacana, tinha um povo mais antigo, que te condena. Rapidamente tirei o meu da reta e fui procurar outras coisas. Hoje em dia, quando vou à missa, eu me sinto desconfortável, porque percebo olhares, comentários do tipo: 'agora ela é mulher'. Teve até um episódio em que um cara veio me chamar pelo meu nome masculino, aí eu disse: "Você está vendo ele aqui? Está me vendo vestida como homem?", daí ele: 'Não, mas é porque eu não sei seu nome de mulher'. Eu disse: "Você não precisava me chamar de homem, poderia ter dito 'moça', existem várias formas". Fui perdendo o interesse pela Igreja.

**POISON:** Como se deu esse processo de reconhecimento como mulher trans?

**Patricia Dawson:** Na infância talvez seja tudo muito involuntário, você faz as coisas e não sabe nem o porquê. Eu era levada por certas coisas, talvez por instinto, mas é tudo muito confuso na cabeça de uma criança. Você vai crescendo com aquilo, criando trejeitos – e eu acho que a infância é o ponta pé inicial pra isso –, e quando você chega na fase da pré-adolescência para a adolescência chega o conflito do "por que você é assim?", "por que é diferente?". Por mais que eu fosse afeminada, eu não tinha alguém pra conversar, pra debater, pra dizer como eu me sentia na realidade, então você se sente meio presa por não ter com quem falar, o medo de contar e alguém fofocar. Você não pode jamais falar pra sua família, já se sente estranho. Chega um momento que é um incômodo até vestir cueca. É realmente como uma borboleta saindo do casulo, é outra vida. Eu precisei realmente conhecer outras pessoas, dialogar com outras pessoas, para que aquilo me encorajasse de fato a assumir o que eu era. Porque há muito medo da família. Eu tinha medo de ser expulsada, de o meu pai me matar, passava tanta coisa na minha cabeça, até eu realmente me apropriar e decidir que não, que eu me sinto dessa forma então eu tenho que encarar isso. Mas até eu chegar nesse patamar foram muitas dúvidas, muitos questionamentos.

# POISON

**POISON:** Na sua família, como foi esse momento de transição do Edson para Patricia?

**Patricia Dawson:** As pessoas nunca conseguiram me identificar real – mente como menino, talvez. Lembro que tinha um tio que, quando eu ia visitar, sempre pensava que eu era uma menina. Sempre começa com a questão da arte, a arte era a desculpa, eu me vestia de mulher em nome da arte, só que na realidade era questão de sacação minha. Eu já me sentia assim, mas precisava de alguma coisa que me levasse a me encorajar e assumir de fato. Eu tenho um pai extremamente machista, homofóbico. Quando aconteceu, foi tudo meio que uma mentirinha. Comecei a tomar hormônio e quando minha mãe via, perguntava pra quê era o remédio e eu mentia, dizia que o remédio era pra outra coisa. As mudanças do corpo começaram: o peito ficando maior, a auréola do peito, entre outras mudanças como a textura da pele, o pelo. Meu pai sempre fica muito atento a essas coisas no meu corpo, e começou a perceber que eu tava tomando alguma coisa. Aí eu disse: "Quer saber a verdade, eu tô tomando hormônio feminino". Comecei a assumir, troquei as cuecas por calcinhas, e minha mãe, por mais que tivesse preconceito, foi entendendo a minha identidade. Hoje ela lava minhas calcinhas, já comprou sutiãs pra mim, me vê me maquiando. Mas teve uma fase que eu saía montada, mas chegava na porta de casa e tinha que tirar e entrar em casa como Edson. Aquilo pra mim era...

"Até quando eu vou viver isso? Por que eu tenho tanto medo? Por que eu não encaro o que eu sou de fato?". Até que eu disse: "Não, não vou mais viver essa situação. Ou eles vão aprender a conviver com isso, ou vai chegar um ponto que eu vou procurar meu rumo". Eu nunca percebi isso como algo agressivo, como uma mudança drástica, não foi de uma hora pra outra. Hoje eu convivo muito bem com a minha mãe, é prazeroso estar com ela, existe muito amor. (Com) o meu pai eu sinto que também existe, mas ele é muito carrancudo. No final das contas o que a gente quer é que a família seja a base





# POISON

de tudo. Se a gente não tem o apoio da família, é o que acontece: a gente vai pra rua, sai de casa, encontra a primeira cafetina, vai se prostituir e não sai mais, ali estanca.

**POISON:** Qual momento da vida que você começou a fazer parte do coletivo artístico As Travestidas?

**Patricia Dawson:** Na realidade, quando eu entrei no coletivo, entrei meio como fã, porque eu havia conhecido duas integrantes, que eram a Alicia Pietá (membro do coletivo) e o Jomar, que é a Verónica (Valenttino, vocalista da banda Verónica Decide Morrer), e a gente se conheceu num momento em que eu já trabalhava no teatro e sempre as via e as endeusava, porque eram figuras públicas super faladas e super aclamadas, então eu sentia a necessidade de ser daquele grupo, de ser amiga delas. Por coincidência do destino a gente viajou pra mesma praia na Semana Santa e nos esbarramos. Começou ali uma amizade, me falavam do Cabaré da Dama (espetáculo do grupo), me convidavam pra assistir. Começou meu contato com elas, com o Silvero (Pereira, membro-fundador do coletivo). Eu comecei como camareira dele, e uma vez ele me chamou pra fazer parte do elenco do Cabaré. Eu tinha aquele preconceito de me vestir de mulher, não queria fazer, achando que todo mundo ia saber, que minha vizinha ia. Por isso que eu digo pra eles que é fundamental a presença deles na minha vida, por mais que eu já esteja com minha opinião formada, por mais que eu não

ver, morria de medo da minha família ficar sabendo. Fomos para o Festival de Teatro em Guaramiranga, em 2009, e foi quando a Patricia surgiu, de forma bem tímida. Foi aí onde começou a grande sacação, “eu orno mais como mulher do que como gay”. Surgiu essa vaidade de me vestir de mulher, ter roupa de mulher, comprar perucas novas, a preocupação de sempre andar com a unha pintada, todo brinco que eu via eu comprava. A vaidade foi crescendo e eu percebi que eu era isso, mas precisava da vivência pra poder assumir. Fui assumindo aos poucos. Quando comecei a ver o preconceito que vinha dos próprios gays com a gente, depois que vários amigos se afastaram de mim por isso, eu decidi lutar cada vez mais, me apropriei realmente disso quando eu comecei a sentir na pele tudo o que nós sofremos, quando assisti BR (BR Trans, espetáculo do coletivo), via um depoimento do Silvero, ouvia uma música – lembro que quando escutava Três Travestis (música de Caetano Veloso, utilizada no espetáculo) eu chorava pincas. Por que que a sociedade tem que ser assim? Por que os homens que um dia se deitam com a gente, no outro dia nos renegam? Foi quando eu botei na cabeça que eu tenho que lutar por isso, pra acabar com isso, mostrar pras pessoas que não é dessa forma.

**POISON:** Como você percebe o alcance que você tem diante das pessoas que são iguais a você? Como você enxerga o alcance da sua arte?





# POISON

Patricia Dawson: Na realidade, eu me sinto muito musa inspiradora para várias coisas. Eu me vejo uma inspiração para aquelas que assim como eu se sentem minoria, menosprezadas. Por mais que eu tenha os meus maus-humores – tem horas que eu sou chata –, as pessoas dizem que sempre me veem de bem com a vida. Quando eu falo da arte, o que eu fico mais feliz é que as pessoas geralmente estão acostumadas a me ver como a figura frágil – eu sou a chorona do grupo, uma palavra que define a Patricia no coletivo é “chorona” – mas eu fico superfeliz, supercontente, quando alguém que assistiu à peça diz assim: “Patricia, é tão bonito ver sua força em cena. É tão bonito te ver com aquela coragem. É tão bonito quando você diz aquela frase: ‘a minha força está na solidão, eu não tenho medo das chuvas tempestivas, nem das ventanias soltas, porque eu sou o escuro da noite’”. Eu percebo que estou no caminho certo e por mais que tenha essa coisa do sofrimento, que todas têm, no palco eu tô ali pra representar a fraqueza, mas principalmente a força da mulher trans. De lutar, de ir atrás, de conquistar as coisas. Então fico muito feliz.

**POISON:** Essa sua relação afetiva, positiva, com seu corpo te fortalece na sua identidade?  
**Patricia Dawson:** Me fortalece. Sempre coloco na minha cabeça que eu tenho minha sensualidade, eu tenho meus balangandãs que me fortalecem. Mas ultimamente eu tenho percebido que – não é que eu tenha que deixar de ser gordinha – mas eu preciso me cuidar mais, porque eu estou muito sedentária e eu percebo que isso está acarretando coisas prejudiciais à minha saúde. Por exemplo, eu já percebo que estou começando a ter dor nas pernas. Deixar de ser gordinha eu não quero nunca, é a minha marca, é o que eu sou, eu não consigo ver e acho que ninguém mais consegue, na face dessa terra, ver a Patricia magrinha, uma modelo de passarela. Eu tenho um grande proveito do meu corpo, porque eu consegui conquistar muitas coisas, mesmo na questão de paquera, que eu percebo que um e outro se interessam pelo meu biotipo. ‘Olha, a gordinha é gostosa, viu!’. E na cama, quantas vezes eu já ouvi isso? (risos)

**POISON:** Como você consome essa moda, que é mais produzida para um corpo eurocêntrico, magro, branco?  
**Patricia Dawson:** Eu não sigo moda. Eu nunca segui na verdade. Coisas de plus size eu não vejo. Eu procuro me imaginar dentro de uma roupa. É tanto que muitas peças minhas são feitas, eu geralmente não compro em loja. Se eu vejo um tecido que me agrada, eu já imagino como poderia ficar um modelo de vestido que ficaria bonito em mim. Desenho, vou à costureira. Nunca fui de me prender a ‘nessa loja não tem nada pra mim’. Não tenho esse sofrimento. Tem muito o estado de espírito também. Eu que crio a minha moda. Geralmente, eu até encontro coisas pra gordinha, mas nem sempre me agradam 100%. Porque sempre vou querer um decote que nunca vai ter. Eu gosto de andar com roupa apertada, curta. Não gosto de esconder minha gordura em metros e metros de pano. Eu abomino isso.

# POISON

**POISON:** Você percebe algum movimento de aceitação do corpo fora do padrão e produção de uma moda mais libertária que não recrimine tanto as diferenças?

**Patricia Dawson:** Eu não estou muito no mundo da moda, não acompanho, mas tenho algumas amigas que são modelos plus size. Eu acredito que aqui no Ceará tem crescido muito esse universo. Está em ascensão, mas ainda percebo que as pessoas meio que não aceitam ou não dão a devida importância. Mas eu acho lindo. Quando vi umas fotos de umas amigas, falei: ‘Vocês têm que ter uma modelo trans plus size’. E elas: ‘É uma boa ideia’. Mas essa boa ideia nunca passou de uma boa ideia, porque elas nunca me chamaram. (risos)

**POISON:** Você já pensou em modelar?  
**Patricia Dawson:** Qual bicha não tem o sonho de desfilas? Eu brincava com o lençol. Mas eu tinha que treinar muito, assistir muito America’s Next Top Model. (risos) Mas eu tenho vontade sim de modelar, é algo que eu acho que gosto muito, além de atuar. Porque também é uma forma de atuação. Eu me vejo modelando. É fantasioso e é incrível.

**POISON:** E quanto à moda autoral, você consome?  
**Patricia Dawson:** Não, eu tenho ódio dos estilistas. Já desfilei para alguns, mas nunca compro peças deles, eles não fazem. É tanto que é sempre as (modelos) magrinhas. Já conversei com vários e digo que eles precisam fazer peças para as gordinhas também, porque vai vender. Tem sempre uma gordinha descolada que gosta. Dizem: ‘Patrícia, a gente vai fazer’. Já conheço essa frase, nunca vão fazer. É disso que eu sinto falta. Quando entrei na passarela do Dragão Fashion, eu fui ovacionada. As pessoas gostam do diferencial. Entrei com uma peruca black, bem bonita. Sempre pensam como a ridícula, mas eu não penso assim, penso como a nova Giselle Bündchen.







NOUVEAU DESIGN, NOUVEAU CONFORT  
ÇA CHANGE TOUT.



Louvre Hotels Group - SAS au capital de 117 625 104 € - 309 071 942 RCS Nanterre - Photo non contractuelle



Redécouvrez le plaisir de dormir, réservez sur [campanile.com](http://campanile.com)





**capo**



Quem veste a moda que você veste?  
Quais corpos podem usá-la?  
Moda é identidade, comunicação.  
Por isso apresentamos o manifesto á moda  
que vista TODOS OS CORPOS!

por David Marques. Fotos por Brenda Kelvya. Produção por Mallkon Araújo e David Marques.  
Modelo: Luiza Nobel.





















melissa.®



melissa.®





# The Lady Punk!



por David Marques.

**N**ão poderíamos concluir a edição de lançamento da POISON com outra pessoa. Vivienne Westwood se mostra como um dos maiores nomes da moda e traz sempre cada vez mais contribuições riquíssimas para esse universo. Não é atoa, a estilista se forjou no contexto da subcultura do Punk, e desde então o movimento trouxe importantes subsídios para suas criações.



# POISON

O punk tem seu início na década de 1970, em Nova York. Jovens estudantes e desempregados, em meio a um contexto de declínio econômico, fragmentação social e revolução, o movimento que vem se opor ao lema "peace and love" dos hippies da época, gritando por "sex and violence", ironicamente não estava descolado da moda.

Vivienne Westwood, nascida na cidade de Glossop, na Inglaterra, em 1941, tem grande importância para a popularização da estética punk no mundo da moda. Filha de mãe tecelã e pai sapa-teiro, a estilista inglesa cresce envolvida e influenciada por essas duas áreas, o que diz muito sobre toda sua criação como designer.



Aos 17 anos Vivienne se muda para Londres e vai estudar Moda na Faculdade de Arte de Harrow, começa a nutrir a ideia de seguir pelo ramo de designer de joias, mas não acredita muito em suas aptidões para o mundo das artes e se torna professora de escola primária, pensando na estabilidade e segurança da profissão. Nessa época a estilista casa com seu primeiro marido, o qual renderia seu sobrenome e nome artístico, mantido até hoje, Derek Westwood.

Mais tarde, depois de divorciar-se, Vivienne entrega-se novamente ao universo das artes e do design e conhece o homem que teria grande importância em sua carreira como estilista. Malcom McLaren era produtor musical, e junto de Vivienne Westwood formaram dois dos maiores nomes da subcultura punk.

# POISON



Juntos, Vivienne e Malcom, abriram a loja "Let's it rock" e viraram sócios, e foi lá que a estilista começou a ter liberdade para criar e iniciou explorando a periferia da capital inglesa como público de suas criações, reanimando a juventude underground dos anos 50 com isso. Mais tarde a loja mudaria de nome para "Too fast to live, too young to die", onde trabalhava com muito látex, couro, t-shirts e artigos fetichistas.

Após muitos processos e algumas mudanças, o casal resolveu alterar novamente o nome da loja para "SEX". Mesmo mudando de nome várias vezes, a loja sempre se manteve fiel ao endereço, na King's Road em Londres, se tornando referência histórica e turística nos dias de hoje.

A "SEX" ficou famosa por ser a primeira boutique punk do mundo e era frequentada por grandes nomes da subcultura, como Boy George, Siouxsie Sioux e Viv Albertine. Como o movimento também não era descolado da música, esse era um fator muito forte e foi algo muito presente no "marketing" da "SEX", principalmente por Malcom ser produtor musical. O casal foi responsável por vestir a banda "Sex Pistols", nascidos na "SEX", e tê-los como vitrine da boutique. Em 1976 a loja muda novamente de nome para "Seditionaries", mas continuando a ser o coração do punk londrino, unindo todos os interessados na popularidade dos Pistols.





# POISON



Foi graças a Vivienne, por exemplo, que o DIY ganhou mais força no mundo da moda, partindo de ideais anticapitalistas do movimento punk, sendo introduzido por ela os rebites, alfinetes e roupas rasgadas. Com ideais apartidários e libertários, o movimento estimulava visuais únicos onde até os cabelos curtos eram um manifesto: opunham-se aos longos fios dos hippies.

Com o colapso da banda Sex Pistols e o punk se tornando cada vez mais mainstream, o casal se desencanta e se divorciam em 1980. Na época Vivienne altera novamente o nome da loja para "World's End", nome que está até hoje. Nesse momento a estilista também começa a se reinventar e se redescobrir, e fortifica a veia política que traz em suas criações. À partir desse momento seu nome começa a ficar mais forte e sua identidade mais coesa. Em 1982 Vivienne faz sua estreia em Paris e é a primeira mulher a desfilarem na capital francesa anos após Mary Quant.

# POISON



Atualmente seu nome é associado a uma moda questionadora, provocadora e irreverente, que traz temas políticos, sociais, e muita polêmica para a passarela, fruto da identidade inconformada de Vivienne. E mesmo sendo conhecida pelos ataques ao establishment, e por inorizar a monarquia (quem não conhece a icônica "God Save The Queen"?), a estilista recebeu em 1991 o prêmio de estilista britânica do ano e aos 64 anos o título de "Lady" pela Rainha Elisabeth II da Inglaterra.

Em tempos de uma moda tão apática, o nome de Vivienne Westwood, sempre com sua inquietude problematizadora, se distingue de tantos outros por representar aspectos tão necessários atualmente, e que não poderia ser diferente, considerando a bagagem cultural da Lady Punk!







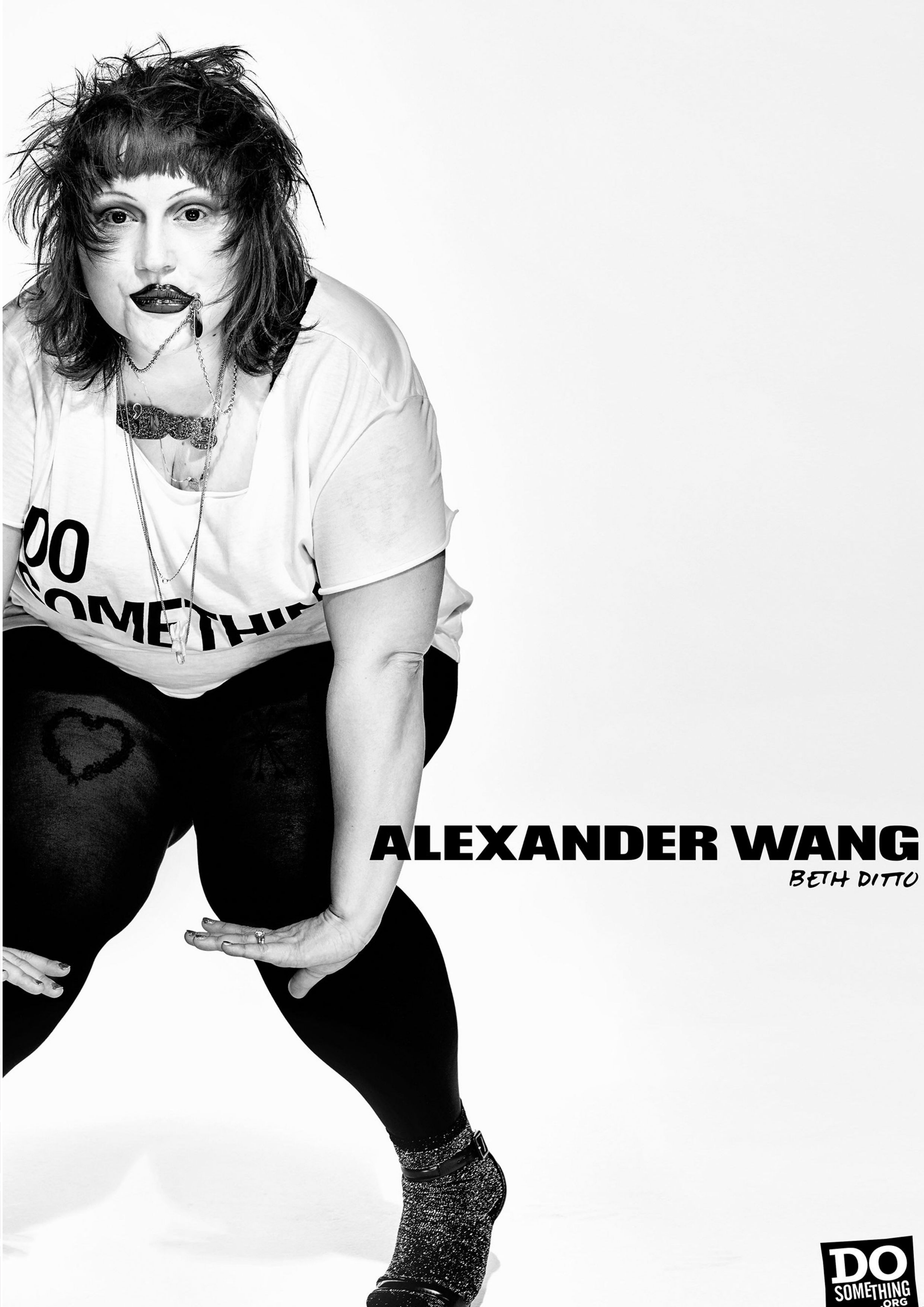


# POISON



PPARENTAL  
ADVISORY  
EXPLICIT CONTENT





**ALEXANDER WANG**  
BETH DITTO

**DO**  
SOMETHING  
.ORG





**VOTE  
FOR  
PUNK**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**MAKE  
YOUR  
VOTE  
COUNT**

**MAKE  
YOUR  
VOTE  
COUNT**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**MAKE  
YOUR  
VOTE  
COUNT**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**VOTE  
FOR  
PUNK**

**BREWDOG**



# You Decide.

## Death?



## Life?

The Earth is dying, are you simply going to let it go?  
You could save it by planting a tree or even consuming recycled paper.  
You could save it by closing the tap, while you brush your teeth in the morning.  
You could save it by not polluting the environment.  
You could save it in many ways.  
So, **STOP!** see, think, observe and plan!



YOU gain when YOU sustain.



**WITH LOADS  
OF BANANA!**





### O veneno foi criado!

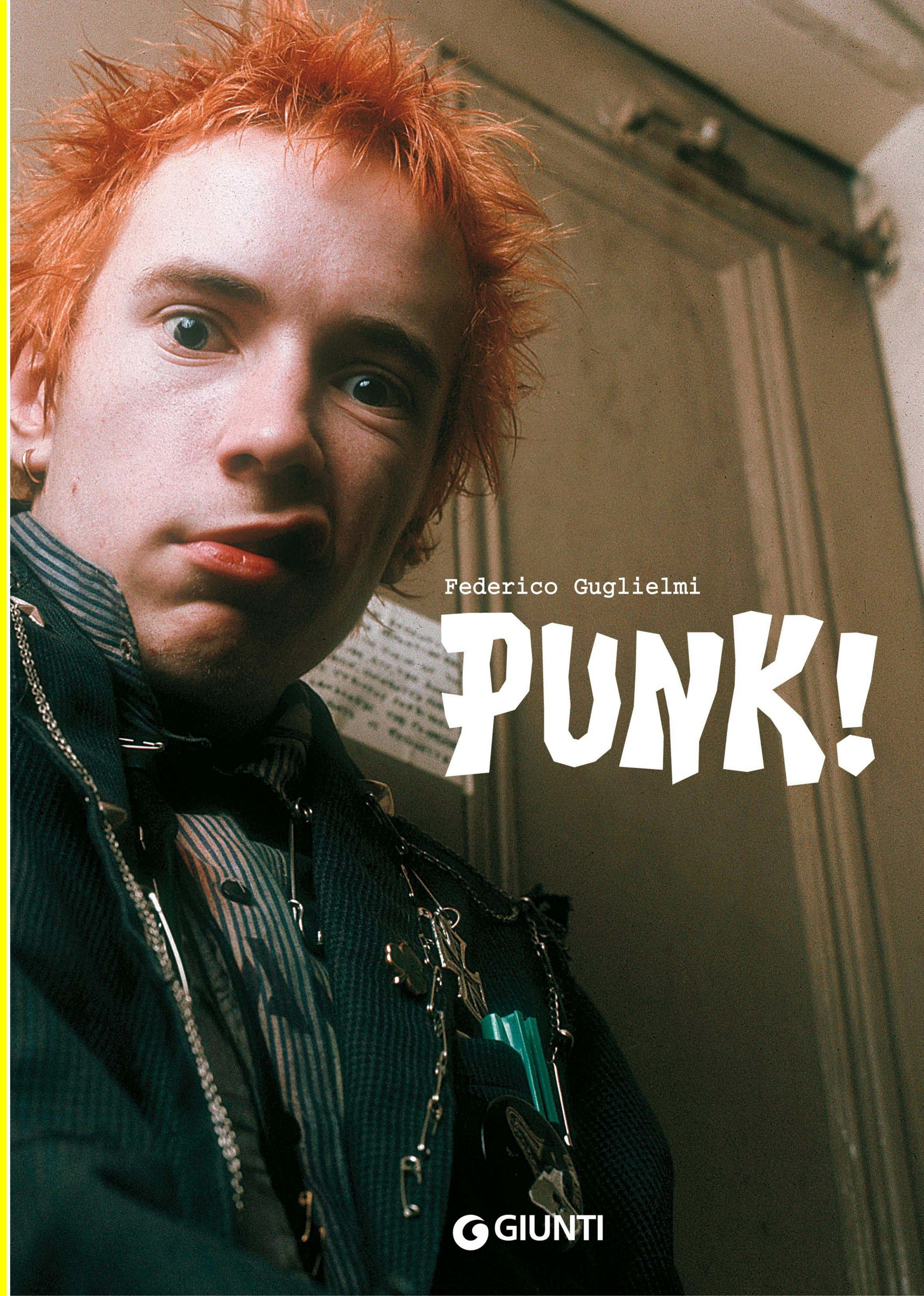
**F**inalmente Poison vem mostrar sua cara, ou melhor, sua capa! O veneno foi criado, e com isso pretendemos intoxicar o mundo da moda. Mexer com as estruturas normativas que há tanto tempo vêm sendo alimentados com os padrões que a moda cria, e que segregam a maior parte dos corpos que estão à margem dos jeans número 36.

A contemporaneidade grita por liberdade, os indivíduos querem se mostrar, aparecer, e se sentirem representados. Queremos a "imperfeição" da vida real. Queremos as cicatrizes dos corpos de verdade estampando as páginas das revistas de moda. E por isso emprestamos toda a atitude ruptora e eletrizante do movimento punk. Essa estética rebelde da desconstrução que propôs essa contracultura pode contaminar a moda e trazer ares mais representativos para estas páginas.

Fugir do mainstream, abandonar o óbvio, trilhar caminhos mais conscientes pode não ser uma tarefa fácil, mas não podemos mais causar tanta dor e sacrifício. É tempo de pedir desculpas por todas as chagas abertas em todo o passado magro, alto e loiro, e começarmos a pensar em uma moda que vista pessoas "normais".

Estejamos abertos para o estranho, para o que nem sempre foi mostrado. Estejamos disponíveis para nos despir dos "pré conceitos" e nos prepararmos para ver sentido no que faz sentido, no que realmente importa. Afinal de contas, a moda que você veste, veste quem?

**David Marques**



Federico Guglielmi

# PUNK!



# POISON

## EQUIPE POISON

### Diretor Editorial

David Marques

### Diretor de Redação

David Marques

### Diretor de Moda

David Marques

### Diretor de Estilo

David Marques

### Diretor de Arte

David Marques

### Editor Chefe

David Marques

### Produtor Gráfico

David Marques

## MODA

### Editor de Editorial de Moda

Mallkon Araújo

### Editor de Tendência

David Marques

### Equipe de Stylist

David Marques

Brenda Kelvya

Mallkon Araújo

### Produtor de Moda

David Marques

## REDAÇÃO

### Editor de Beleza

David Marques

### Editor de Comportamento

David Marques

### Editor de Cultura

David Marques

### Editor de Moda

David Marques

### Editor de Opinião

David Marques

## PUBLICIDADE

### Editor de Marketing

David Marques

### Editor de Publicidade

David Marques

### Editor de Arte

David Marques

### Designer

David Marques

## DIGITAL

### Editor

David Marques

### Reportagem

David Marques



For difficult little people.



# sumário



MOVIMENTO

**Afropunk Festival**

**14**

ENTREVISTA

— **Daniel Peixoto**

**20**



NEWS

**Patti Smith**

**28**



EDITORIAL

**Beth Ditto**

**34**



# POISON

BEAUTY

**Rebéllica beleza!**

**44**



ENTREVISTA

**Patricia Dawson**

**52**



CAPA

**IN-corpos**

**66**



PERSONA

**Vivienne Westwood**

**78**





## Afropunk Festival!



por David Marques

O Afropunk surgiu a partir do documentário de mesmo nome, lançado em 2003, produzido por Matthew Morgan e dirigido por James Spooner. O filme "Afropunk" traz um retrato dos jovens negros da cena punk-indie rock-hardcore com várias entrevistas, e foi recebido muito bem pela comunidade. Essa foi uma forma fantástica de fazer esses jovens se conhecerem. Desse modo eles começaram a trocar muita ideia pela internet, e foi a partir daí que em 2005 rolou a primeira edição do Afropunk Festival.

Para celebrar e unir a comunidade através da música, a primeira edição do Afropunk Festival aconteceu em um lugar emblemático, o Brooklyn Academy of Music (BAM), de Nova York. O festival traz essa ideia de celebração da personalidade e estilo de indivíduos plurais, diversos, de força e respeito, tudo isso através do skate, da música, e da moda, que nunca esteve descolado desse movimento. A primeira edição do Festival aconteceu de forma espontânea e gratuita, e contou com a exibição de filmes, shows e até um piquenique, cheio de jovens compartilhando as mesmas paixões.



# POISON



Em mais de uma década de Afropunk Festival o evento cresceu muito e ganhou proporções internacionais, com um line-up poderoso, contando com nomes como: Janelle Monáe, Tyler The Creator, Chuck D, Ice Cube, Suicidal Tendencies, Saul Williams e muitos outros nomes de peso. Em 2017 o evento teve cinco edições e passou por Paris, Londres, Brooklyn, Atlanta e Johannesburg, se consagrando como um dos mais importantes festivais da cena alternativa. Infelizmente o evento não conseguiu se manter de forma gratuita, até por ser uma maneira de investir no Festival e nos artistas que contribuem para que ele exista. Mas ainda trabalham com um esquema de trabalho voluntário, o qual é possível curtir o Afropunk Festival de forma gratuita!



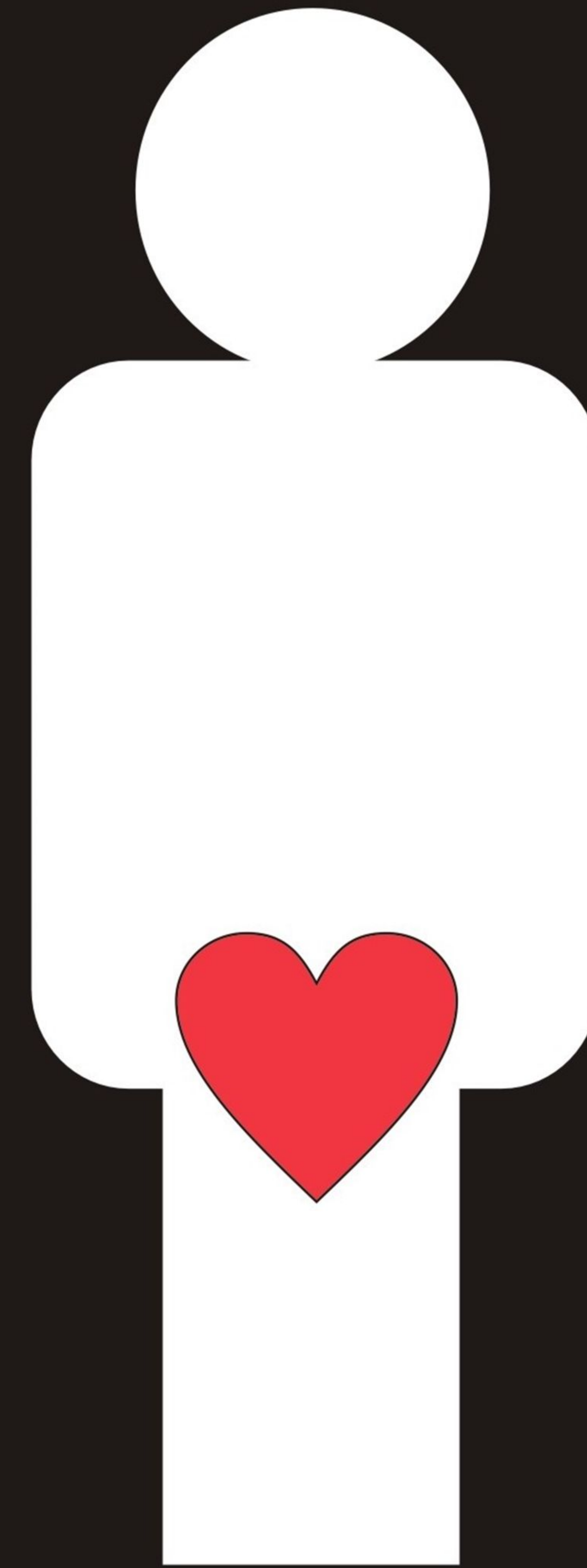
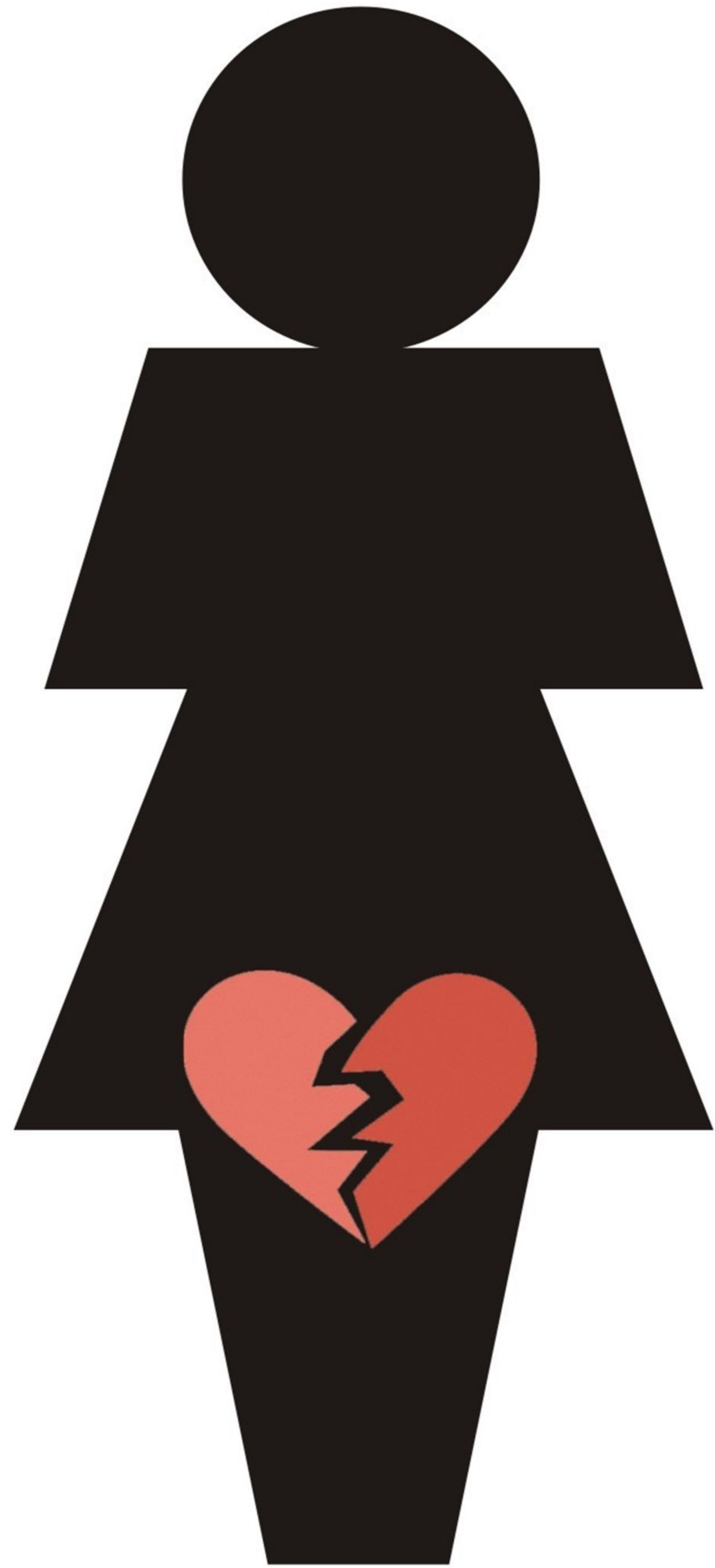
# POISON



A importância do Festival não se dá somente na possibilidade de curtir a programação do evento, mas sim de celebrar o movimento que surgiu de forma orgânica e horizontal. Além de ser um espaço de extrema necessidade, proporcionando vivências riquíssimas para a juventude negra.



**SEM CAMISINHA, NÃO DÁ!**



**COM CAMISINHA, TÔ DENTRO!**



## Daniel Peixoto



por David Marques.

**D**aniel Peixoto é um cantor brasileiro natural do sertão do Ceará, mais especificamente da cidade do Crato. Em 2005, iniciou um projeto de electro-punk, junto ao DJ Leco Jucá, o que projetou seu nome para o cenário nacional da música, e posteriormente, sendo reconhecido também fora do Brasil. O cantor contou um pouquinho de sua carreira para a POISON. Vem conferir!



# POISON



**POISON:** Como foi pra você o processo de se reconhecer como gay?

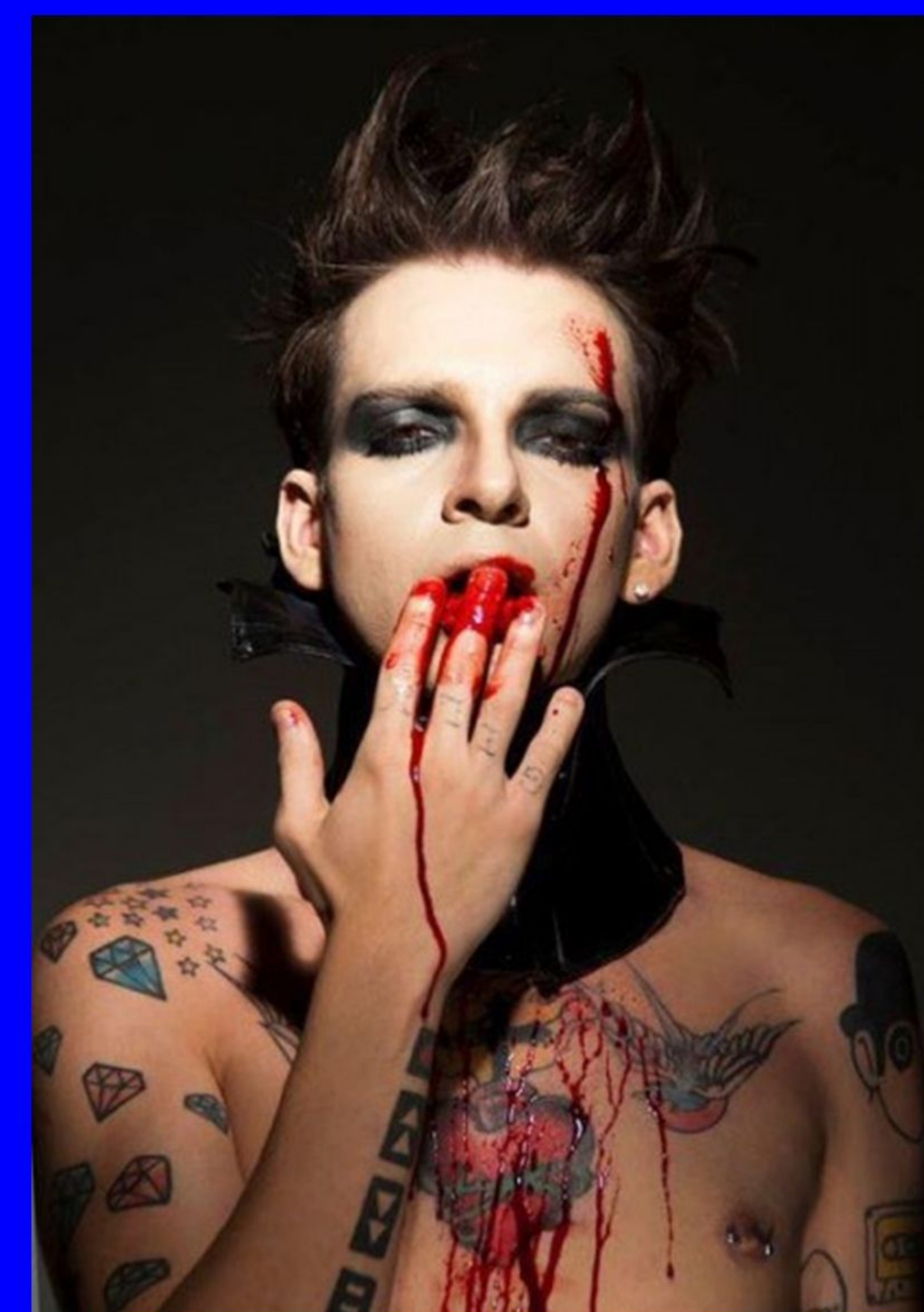
**Daniel Peixoto:** Foi durante a infância já, eu sempre tive um forte entendimento de quem eu sou!

**POISON:** Como se deu a formação de sua antiga banda, o Montage?

**Daniel Peixoto:** Antiga me soa pejorativo! (risos) Afinal estamos na ativa e passamos bem. Hahaha. Mas começou no (aí sim) antigo Noise 3D, era pra ser uma festa com esse nome, fizemos um live de música eletrônica de forma experimental que bombou, daí seguimos repetindo esta fórmula!

**POISON:** Como ritmos e movimentos estrangeiros, como o punk, influenciaram no som do Montage, e posteriormente na sua carreira solo?

**Daniel Peixoto:** Esses sons era o que eu ouvia na época, e os meus amigos da banda também! A gente tava com a cabeça mais em Berlim e NYC do que em Fortaleza, daí veio o punk, o electro etc.



**POISON:** Como foi o processo de término do Montage?

**Daniel Peixoto:** Acabamos de boa em 2009 e seguimos nossas vidas, foi cada um pro lado, mas não teve brigas ou algo assim, deu o que na época tinha q dar... Nos reunimos em 2015 pra turnê de 10 anos da banda e estamos de volta desde então!

**POISON:** Após esse término você se aproximou de ritmos mais brasileiros, inclusive alguns tipicamente cearenses. Como se deu esse processo?

**Daniel Peixoto:** Isso tem a ver com o amadurecimento musical e pessoal, fui me permitindo a outros ritmos que antes não me interessavam mas que eu passei a me interessar depois, tem tanta coisa linda na nossa cultura popular, pq não usar isso também?

# POISON



**POISON:** A estética queer esteve desde o início presente em seus trabalhos, e atualmente ganhou mais força com artistas nacionais, como Pablo Vittar, Johnny Hooker e Liniker. O que você acha desse cenário cada vez mais diverso? Você se considera um influenciador dessa leva de artistas?

**Daniel Peixoto:** Acho incrível que tenha se tornado cena, com vários artistas militando enquanto fazem arte. Não sei se posso me considerar influenciador desses artistas, mas o Montage plantou uma semente que hoje, com certeza, eles se beneficiam dela!

**POISON:** Você acha que a sua sexualidade foi um fator importante para a formação do seu som e estética?

**Daniel Peixoto:** Não, minha sexualidade nada tem a ver com o sucesso da banda, a banda fez sucesso porque é boa!





# POISON

**POISON:** Você está trabalhando em um novo material com o produtor Gorky, que fez parte do Bonde do Rolê, que trazia um proposta similar ao seu som. Como se deu essa aproximação?  
**Daniel Peixoto:** Já eramos amigos justamente por conta desses encontros das bandas nas estradas. Sempre quis trabalhar com ele e através do Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes isso se tornou realidade, acho ele genial e estou muito feliz que finalmente podemos trabalhar juntos!

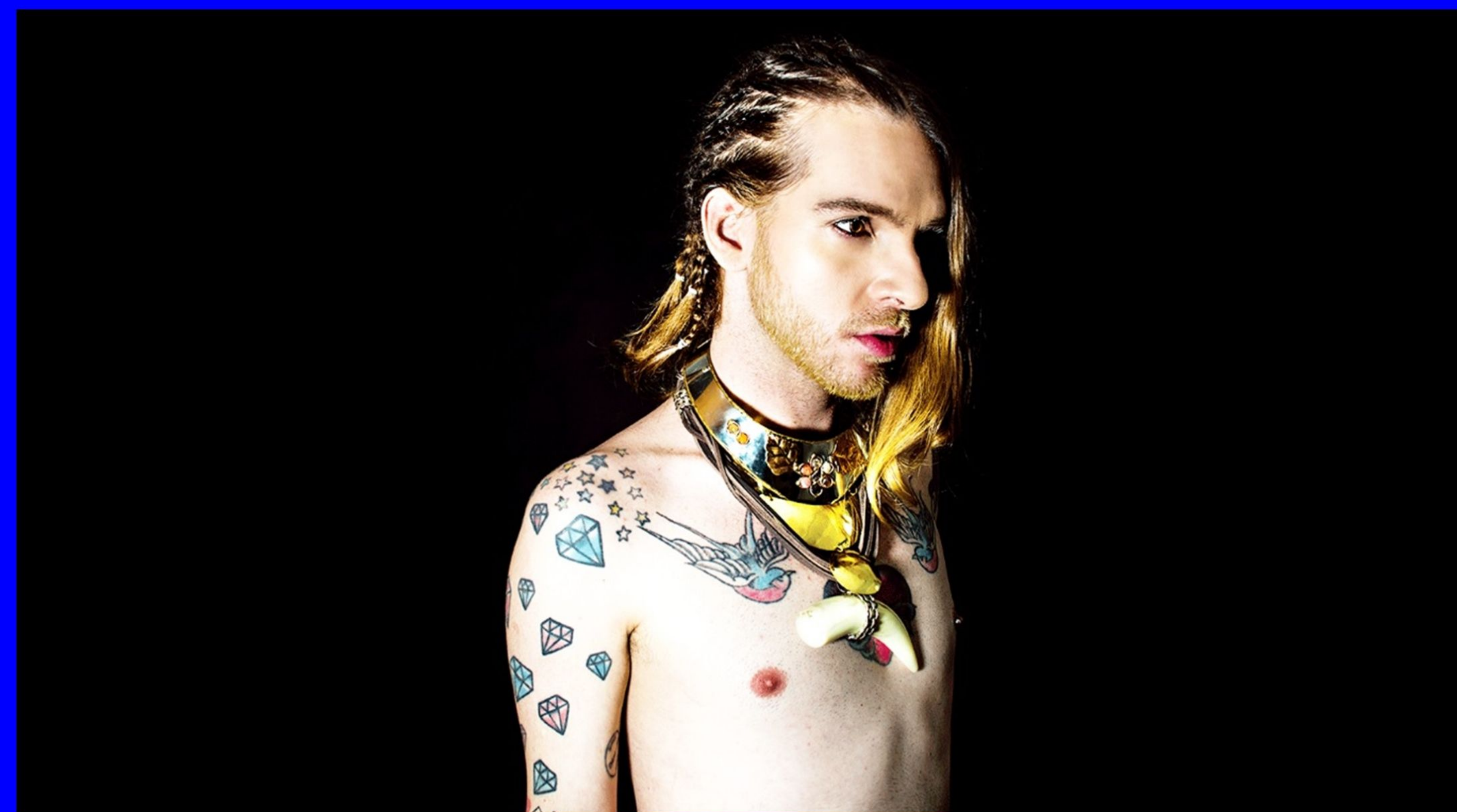


**POISON:** Como tem sido trabalhar com ele em seu próximo álbum?  
**Daniel Peixoto:** Ele é muito prático e já sabia desde o começo o que queríamos: algo pop e fresh. Não posso falar muito porque é segredo! Hahaha.

**POISON:** Sua relação com a moda começou muito cedo, trabalhando como modelo, e sempre esteve muito ligada a essa estética andrógina. Você acha que essa discussão de gênero é algo já superado na moda ou que ganhou mais força com o agênero?  
**Daniel Peixoto:** A moda vai e volta assim como esse tema! Nunca vai passar 100% porque a moda tem essa necessidade de se reinventar o tempo todo, androginia é belo e a moda gosta disso!

# POISON

**POISON:** Analisando todos os seus trabalhos, podemos perceber a moda como um fator importante para construção da sua performance. Quais são suas maiores referências do mundo fashion? Você acha que a moda seja algo relevante para a construção de sua identidade?  
**Daniel Peixoto:** Acho sim! Você diz muito com suas roupas e é aí que ela entra no meu trabalho. Amo moda mas não sou uma vítima dela, tenho um uso consciente e responsável sobre isso. Na nossa moda amo Lino Villaventura, Walter Rodrigues e Weider Silveiro, e amo usar suas criações!







## Helps prevent clothes ageing.

The new Samsung washing machine range with gentle Aqua Shower, anti-bobble Diamond Drum and revitalising Air Refresh. Smart thinking. Simple living.  
[samsungwashing.co.uk](http://samsungwashing.co.uk)



## Patti Smith lança documentário sobre seu primeiro disco, o clássico “Horses”

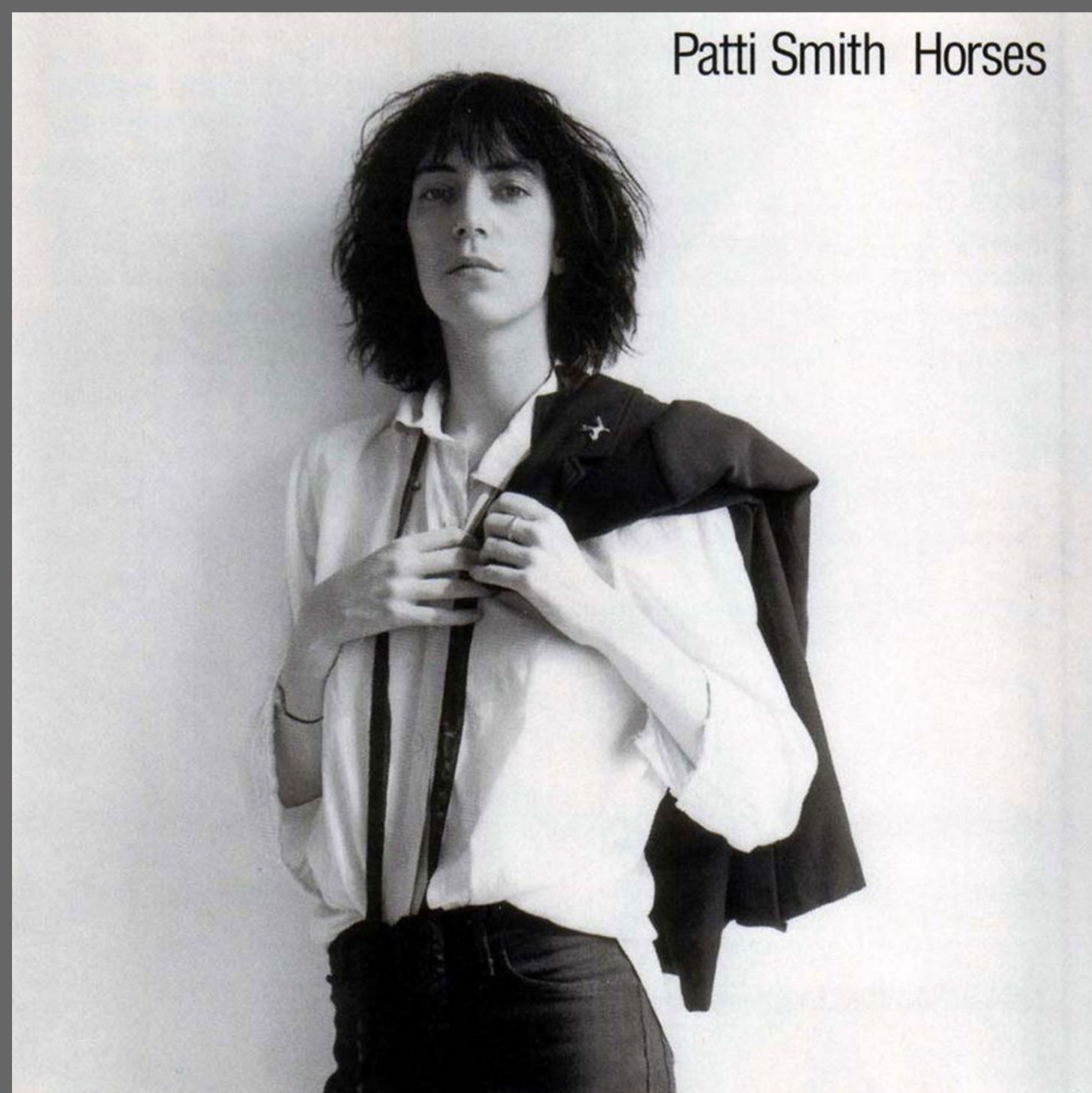


por David Marques.

**P**atti Smith lançou dia 23 de abril, no Festival de Cinema de Tribeca, seu mais recente projeto, um documentário onde mostra os shows que fez por Los Angeles, ao comemorar o 40º aniversário do álbum que a lançou, assim como os detalhes dos bastidores. "Jesus morreu pelos pecados de alguém, mas não pelos meus. "Assim começa Horses (1975), o disco de estreia da cantora que dá nome ao seu novo documentário, dirigido por Steven Sebring, "Horses: Patti Smith and her Band".



# POISON



A cantora aproveitou o momento ainda para fazer um breve show do qual participaram seus amigos Bruce Springsteen e Michael Stipe, líder do R.E.M. A artista tocou no festival alguns de seus hinos, como a canção que começa o disco, Gloria (In Excelsis Deo), uma versão da música de Van Morrison, à qual, em 1975, acrescentou versos inéditos e partes de seus poemas. Esses versos, que faziam referência a Jesus, escandalizaram os mais puritanos, que não podiam acreditar que uma moça criada em uma família de Testemunhas de Jeová pudesse blasfemar assim, ainda que Patti Smith tenha sido sempre um verso solto. Uma vez que acabou o colégio, começou a trabalhar numa fábrica, o que detestava, mas que inspirou suas primeiras canções, e pouco depois deu à luz uma menina que deu para adoção em 1967. No mesmo ano, abandonou Nova Jersey e se mudou para Manhattan, onde conheceu o "artista de sua vida", o fotógrafo Robert Mapplethorpe, com quem começou uma relação complexa marcada pela homossexualidade dele e pela pobreza em que viviam.

Os retratos que Mapplethorpe tirou de Smith serviram como capas de seus discos, e, depois de separados, continuaram bons amigos até a morte do fotógrafo por conta da aids em 1989. Uma das capas mais lembradas é a de Horses, em que Smith posa diante da câmera com sua habitual aparência andrógina e com um terno.

# POISON



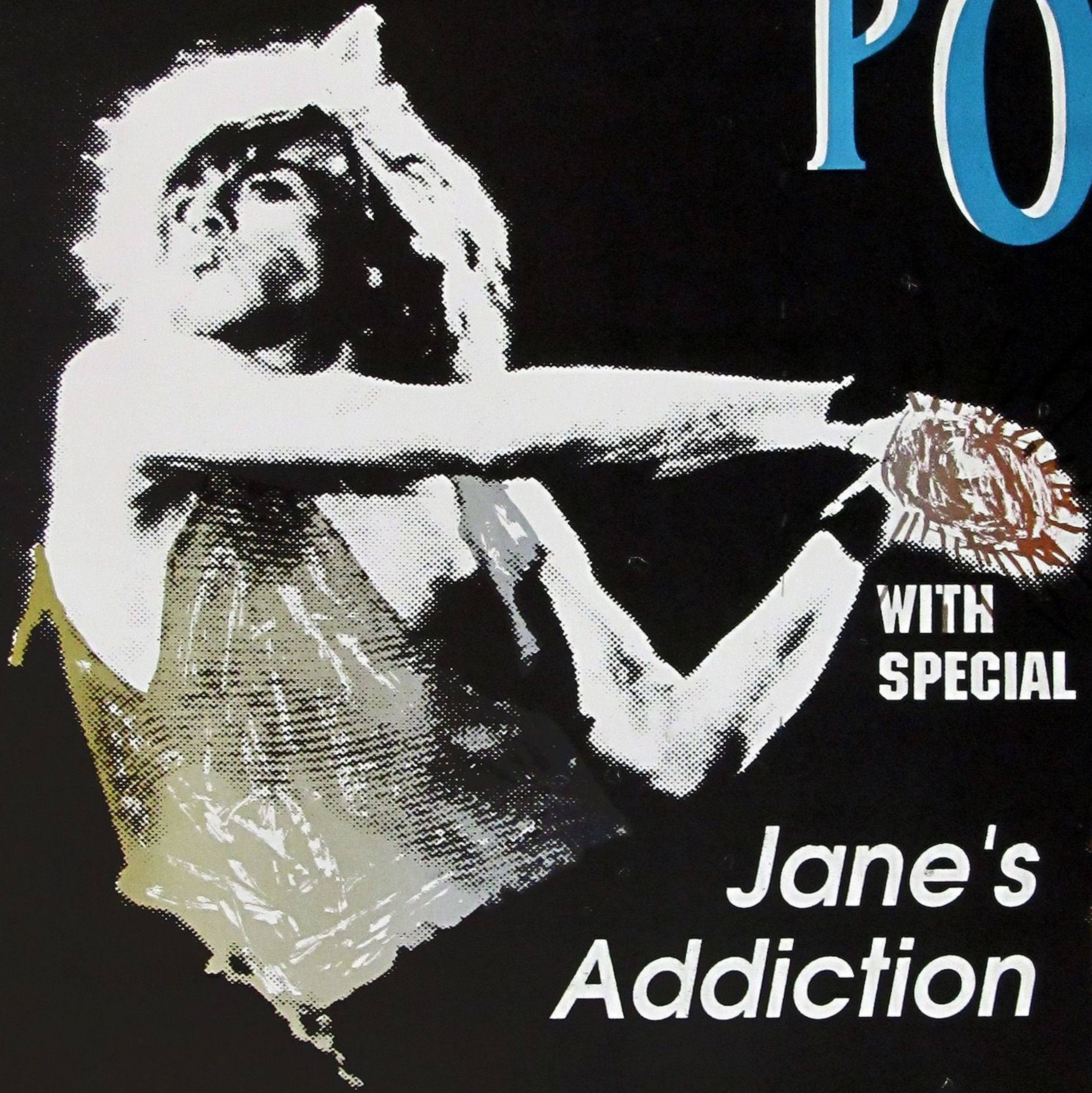
A gravação do álbum foi um "inferno", segundo Smith, que logo se arrependeu de escolher o fundador do The Velvet Underground, John Cale, como produtor, já que ambos tinham um temperamento forte e as brigas eram constantes. "Tudo que eu buscava era uma pessoa técnica. Ao invés disso, encontrei um artista totalmente maníaco. Quis escolher uma aquarela cara e me deram um espelho", revelou Patti Smith.

Aos 71 anos, Smith pode se gabar de ter composto verdadeiros hinos do punk e de ter deixado sua marca em artistas do calibre de U2, R.E.M, The Smiths, Sonic Youth e Madonna.



GO WEST  
Presents

# IGGY POP



WITH  
SPECIAL GUEST

*Jane's  
Addiction*

**SAT OCT 15TH 9PM  
AT THE CANNERY**

advance tickets available at all **TICKETMASTER** locations  
including **CAT's Records**

©1988 Encore PressWorks



DON'T FEED YOUR FEAR.  
**OMRON**





**B**eth Ditto transmite toda a atitude da nossa revista. A cantora estadunidense imprime em sua performance as discussões que acreditamos, e por isso ela traz todo esse discurso para as páginas da POISON!















MINHA VIDA COMO UM  
**RAMONE**

**PUNK ROCK  
BLITZKRIEG**

**MARKY RAMONE**

com RICH HERSCHLAG

Planeta

NEW YORK

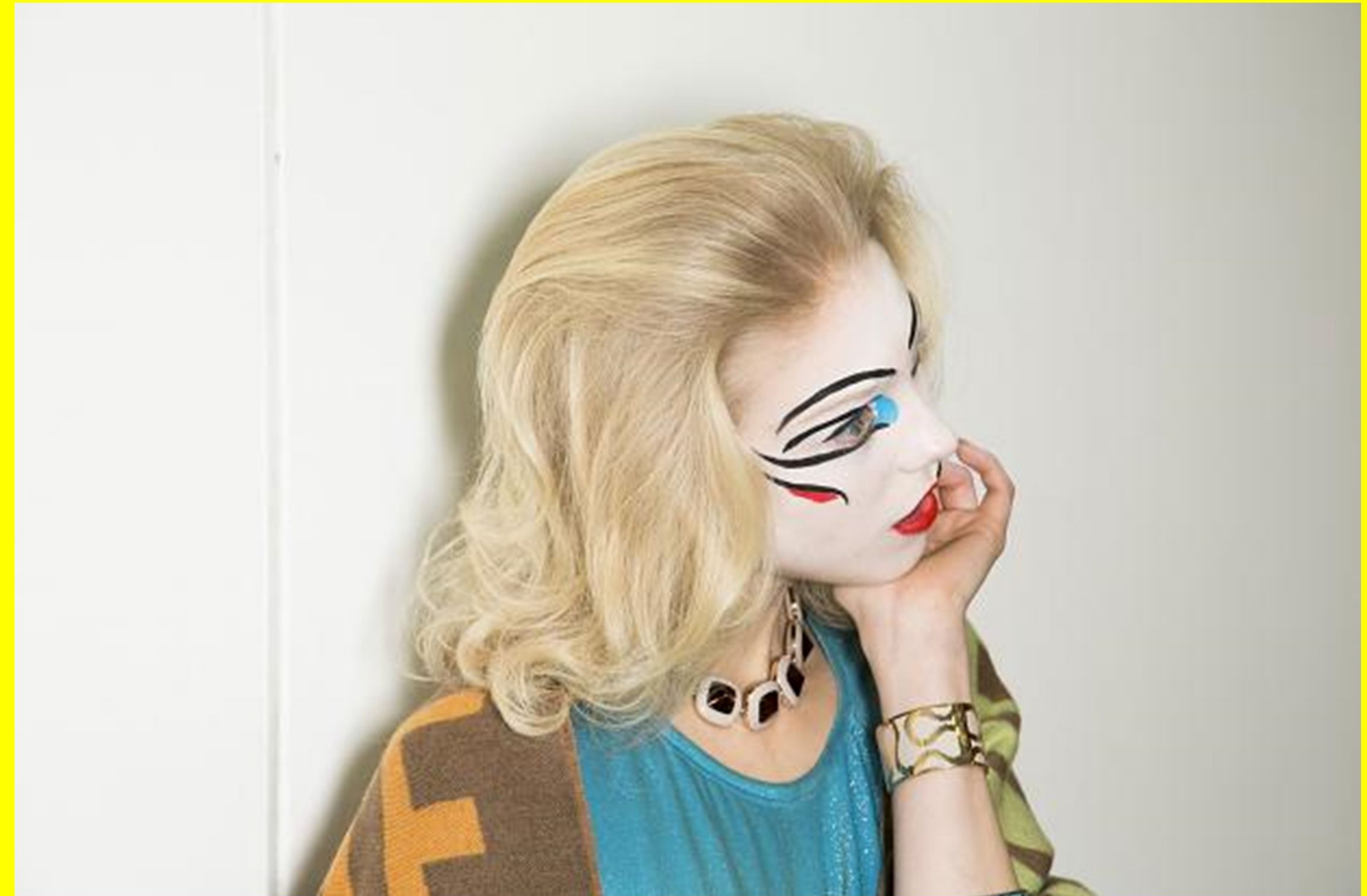


**WITH LOADS  
OF BANANA.**





## Rebéllica beleza!



por David Marques.

**N**ão é difícil falar de moda e beleza de forma responsável. Abordar tendências, falar de maquiagem, resenhar desfiles, nada disso precisa ser necessariamente tratado de forma rasa ou excludente. Principalmente quando é algo que traz aspectos de liberdade. O makeup tradicional, com o esfumado bem demarcado, delineado perfeito, parece estar com os dias marcados. Vemos ser cada vez mais forte duas ondas, a da maquiagem natural, com pele hidratada, e um glow natural; já a outra traz um makeup super desconstruído, sem pretensão de respeitar qualquer limite ou regra, explorando linhas e blocos de cores, trazendo uma aparência mais conceitual.



# POISON



O visual desconstruído ainda traz referências da arte moderna, do movimento Punk, e da cultura POP. E não é atoa que a super camaleoa do POP, a cantora Lady Gaga, apareceu diversas vezes no final de 2013 com esse makeup borrado, para divulgar seu single da época, "Applause".



Nas passarelas, Vivienne Westwood é uma das que também vem apostando já há algumas temporadas no visual desconstruído para os seus desfiles.



# POISON

Fora do catwalk a maquiagem mais descomprometida com a perfeição vem adaptada e se traduz em sombras homogêneas, aplicada sem muito comprometimento, e na maioria das vezes, com os próprios dedos.



O makeup reflete muito do contexto que estamos, das discussões que estão sendo feitas, das sentimento de poder que tem tomado cada vez mais mulheres. E isso tudo reflete no modo de se comportar, de se vestir, e inclusive no modo de se maquiar. A celebração à beleza sem compromisso tem sido algo presente no cotidiano feminino, e é maravilhoso! E se você não é lá muito fã de maquiagens mais extravagantes, pode seguir o caminho dos visuais mais discretos, como os que apresentam um leve esfumado róseo ao redor dos olhos, conferindo um ar de "olhos de ressaca".













## Resistindo ao CIS-tema!



por David Marques. Fotografia: Mateus Monteiro.

**F**ugindo dos padrões de cor e medida impostos aos corpos da modernidade e sendo transsexual, Patricia Dawson encontrou no teatro o verdadeiro dom e o abrigo que por vezes faltou nos amigos e familiares. Em entrevista exclusiva à Poison, a atriz conta as dificuldades que vivenciou desde a adolescência, o encontro com o teatro e a relação com o próprio corpo e a moda.



POISON: A escola é uma das instituições mais importantes na formação do indivíduo e da identidade, e também é um espaço onde as opressões são fortes e muito presentes. Como foi sua vivência durante esse momento inicial de inserção em sociedade?

Patricia Dawson: Sempre vi a escola como o lugar onde a gente aprenderia a ser mais amigo um do outro, mais acolhedor, mas eu sempre vivi uma questão meio complicada, meio clichê – acho que todas passam por isso. Na minha fase de escola primária eu ainda não era transexual, era aquele garotinho gayzinho, mas eu já conseguia identificar que o preconceito era muito grande. Sem contar que, no Ensino Médio, isso fica muito evidente. Você acaba sendo muito excluída porque os grupos são muito bem formados, as tribos são muito bem definidas: as meninas são com as meninas, os meninos são com os meninos, os forrozeiros são com os forrozeiros, e acaba que as bichas são uma minoria. Na minha sala de Ensino Médio, por exemplo, só tinha uma bicha, e eu praticamente só tinha amizade com ela. Mas eu sempre procurei ser uma figura muito presente na escola, sempre fui presidente de grêmio, sempre organizava as questões culturais da escola, eu sempre queria estar inserida, nunca quis deixar que aquele preconceito me deixasse à margem, me sentir a sofredinha, a coitadinha.

Eu conseguia ter o respeito de alguns professores, de alguns coleguinhas, por conta da seriedade com que eu fazia as coisas.

POISON: Quando você fala em preconceito nessa época, eram brincadeiras, chacotas?

Patricia Dawson: É, sempre era brincadeira, na questão do bullying. Expor ao ridículo, sabe? Eu me lembro muito bem de algumas coisas: 'esse viado preto', 'esse viado gordo', entendeu? Então por mais que isso ofenda, que isso deixe muito mal, eu pensava: "não, eu não vou me fazer de sofrida, eu não vou me fazer de coitadinha, vou continuar fazendo o que eu gosto dentro da escola". Por mais que existisse a revolta, eu sempre fui muito tranquila, sempre procurei resolver as coisas da melhor forma possível, encontrando um caminho de paz e serenidade.

POISON: Esse tempo na escola gerou algum trauma?

Patricia Dawson: (pausa) O trauma que me gerou foi, de certa forma, não confiar muito nas pessoas, entendeu? Eu sempre acreditava desacreditando, eu sempre achava que a qualquer momento eu iria ser pega de surpresa. Na minha época de adolescente, eu me lembro que era muito comum ter festinhas na escola, na igreja, no bairro, e sempre que eu era convidada, eu ficava com um pé atrás, porque nessas festinhas eu nunca poderia ser o que eu era realmente, então eu tinha que

ficar de lado. Nessas festas as meninas pegavam todos os meninos, os meninos pegavam todas as meninas, e eu não pegava ninguém, né? Eu era a estranha na historinha toda. Foi isso que me gerou essa questão da desconfiança, tanto que quando eu confio em alguém, confio com um pé atrás. Mas (sobre) essa questão de traumas de momentos de chacota, não, eu sou bem tranquila porque sempre encarei muito de frente, sempre fui fundo nas coisas, procurando fazer disso a pedrinha para construir meu castelo.

POISON: E os laços de amizade desse período?

Patricia Dawson: Eu só tenho uma amiga do tempo de colégio, por incrível que pareça. Ela foi a minha única e verdadeira amiga. Me lembro bem que ela frequentava a minha casa e meu pai sempre acreditava que ela era a minha namorada, inclusive apresentava aos amigos dele como a minha namorada, e ela ria muito. Ela era minha confidente – até hoje continua, são mais de 20 anos de amizade. Ela foi a única amiga que me restou, e depois que esse boom aconteceu na minha vida, que eu me tornei Patricia, percebi que muitos amigos da escola se achegavam, mas não por querer ser amigo, mas pela curiosidade de saber como isso aconteceu, porque que eu sou dessa forma. E aí, quando eu volto atrás daquela questão de confiar ou desconfiar das pessoas, eu

POISON: Essa amiga foi uma forma de porto seguro, de apoio, nos momentos de preconceito? Patricia Dawson: Ela foi. Eu me lembro muito bem que os meninos me chamavam de alguns apelidos – 'bolo fofo', 'bolo queimado' – e ela sempre me protegia. Ai, gente, se tiver algum momento que eu me emocione, não liguem! Eu nunca neguei a história do Edson, mas tem coisas que quando voltam à tona, elas com certeza me emocionam... Ela era muito protetora, sempre se encorajava e dizia pros meninos assim: 'Olha, não fale isso com ele, o nome dele é Edson, o nome dele não é bolo fofo, e vocês não têm que chamar ele dessa forma'. Então ela era sim a minha força, o meu porto seguro, e era uma troca. No Ensino Médio foi que a gente se afastou, pois ela engravidou, se casou, e não concluiu (a escola), mas a gente sempre tava se falando, eu sempre ia para a casa dela.

Poison: E quanto aos laços criados, ou não, com as pessoas, crianças da sua rua, do seu bairro?

Patricia Dawson: Eu costumo dizer que tive uma infância muito boa, muito bonitinha. Na rua eu brincava com meninos, com meninas, mas depois de um tempo eu me afastei das crianças da rua pra brincar com as crianças de um prédio em frente à minha casa. Cresci e me tornei adolescente junto com essas crianças do prédio. Eu me



# POISON

lembro de uma menina do quarto andar que tinha dois irmãos. Tinha um corredorzinho que ligava os apartamentos (uns) aos outros e ela botava as bonecas pra brincar e sempre quando eu ia brincar, eu começava sendo o Ken e terminava sendo a Barbie. Eu dizia: "Não, agora eu quero ser a Barbie", daí o irmão dela também brincava de ser o Ken, ser a Barbie, e o outro irmão dela ficava na janelinha dizendo: 'Tá brincando de boneca, tô vendo, viu!'. Na hora que ele dizia eu largava a boneca, mas depois continuava a brincar. Tive uma infância muito boa, e se eu pudesse voltar no tempo, eu voltaria pra minha infância. Por mais que eu tivesse a ausência de pai, a presença da minha mãe era

muito forte, muito protetora. Teve essa coisa do meu pai, mas chegou uma fase que por ele se tornar tão distante, acabou de fato ficando distante pra mim.

**POISON:** Como você acha que esse tempo de infância e escola te influenciou? Os traumas te fizeram empoderada, forte, ou acuada?  
**Patricia Dawson:** Foi um misto. Me fez ser forte, mas também me fez fraca, me fez desacreditar de muita coisa, me fez perceber que as pessoas se afastavam. Eu tentava ser forte por acreditar que o sofrimento não seria pra sempre. Até hoje eu tenho essa ideia. Essas coisas que aconteceram na minha infância e juventude serviram sinceramente pra que eu me



56

# POISON

tornasse mais forte. Pra que eu talvez sirva de exemplo para alguém, quando eu ver alguma bichinha nova que está triste, deprimida, eu poder dizer: "Bicha, passa. Tenha certeza que passa."

**POISON:** Esses momentos do passado te ajudaram a ter uma posição mais empoderada do seu corpo? De não se encaixar em um padrão e não ter medo de se mostrar.

**Patricia Dawson:** Eu nunca fui padrão, nunca. Sempre fui a criança gordinha e negrinha. Mas eu aproveitava a questão da minha diferença. "Eu sou a diferente". Eram tudo crianças brancas e eu a única preta, a única gordinha. É engraçado falar isso, mas sempre tinha um ou outro que dizia: 'Ah, como é fofinho, como é bonitinho, engraçadinho, como o rostinho dele é lindo'. Essas coisas me faziam sentir como diferente, mas nunca como a horrorosa. Em alguns momentos existia isso de eu ser discriminada, de passarem na minha cara que eu não estava no padrão, que nunca estaria, só que nunca dei muita importância, tanto é que hoje eu continuo gorda e assumindo a minha cor, que nunca neguei.

**POISON:** Dentro da Igreja, você se questionava muito quanto a si mesma, se você estava certa ou errada?

**Patricia Dawson:** Eu já era vista como a gayzinha. Minha irmã foi quem me levou para a igreja, ela era extremamente católica. Tem um amigo da minha irmã que



hoje é muito meu amigo, e ele me disse assim: 'A gente sempre soube que em algum momento o Edson seria A fulana', porque ele dizia que eu era uma criança bem afetadinha. Na realidade muita criança gay na Igreja não é vista como gay, mas como sensível, uma criança carinhosa. Na fase dos 10 até os 14 anos, mais ou menos, que eu era do grupo de coroinhas da Igreja, não tinha essa discriminação, até porque, por mais que eu fosse muito gayzinha, as pessoas interpretavam como uma delicadeza, eu sempre me lembro de escutar essa palavra. Mas quando você

57



# POISON



entra na adolescência as coisas mudam. Fui para um grupo de jovens franciscanos, e comecei a me sentir uma carta fora do baralho. Por mais que tivesse um ou outro mais descolado, mais bacana, tinha um povo mais antigo, que te condena. Rapidamente tirei o meu da reta e fui procurar outras coisas. Hoje em dia, quando vou à missa, eu me sinto desconfortável, porque percebo olhares, comentários do tipo: 'agora ela é mulher'. Teve até um episódio em que um cara veio me chamar pelo meu nome masculino, aí eu disse: "Você está vendo ele aqui? Está me vendo vestida como homem?", daí ele: 'Não, mas é porque eu não sei seu nome de mulher'. Eu disse: "Você não precisava me chamar de homem, poderia ter dito 'moça', existem várias formas". Fui perdendo o interesse pela Igreja.

**POISON:** Como se deu esse processo de reconhecimento como mulher trans?

**Patricia Dawson:** Na infância talvez seja tudo muito involuntário, você faz as coisas e não sabe nem o porquê. Eu era levada por certas coisas, talvez por instinto, mas é tudo muito confuso na cabeça de uma criança. Você vai crescendo com aquilo, criando trejeitos – e eu acho que a infância é o ponta pé inicial pra isso –, e quando você chega na fase da pré-adolescência para a adolescência chega o conflito do "por que você é assim?", "por que é diferente?". Por mais que eu fosse afeminada, eu não tinha alguém pra conversar, pra debater, pra dizer como eu me sentia na realidade, então você se sente meio presa por não ter com quem falar, o medo de contar e alguém fofocar. Você não pode jamais falar pra sua família, já se sente estranho. Chega um momento que é um incômodo até vestir cueca. É realmente como uma borboleta saindo do casulo, é outra vida. Eu precisei realmente conhecer outras pessoas, dialogar com outras pessoas, para que aquilo me encorajasse de fato a assumir o que eu era. Porque há muito medo da família. Eu tinha medo de ser expulsa, de o meu pai me matar, passava tanta coisa na minha cabeça, até eu realmente me apropriar e decidir que não, que eu me sinto dessa forma então eu tenho que encarar isso. Mas até eu chegar nesse patamar foram muitas dúvidas, muitos questionamentos.

# POISON

**POISON:** Na sua família, como foi esse momento de transição do Edson para Patricia?

**Patricia Dawson:** As pessoas nunca conseguiram me identificar real – mente como menino, talvez. Lembro que tinha um tio que, quando eu ia visitar, sempre pensava que eu era uma menina. Sempre começa com a questão da arte, a arte era a desculpa, eu me vestia de mulher em nome da arte, só que na realidade era questão de sacação minha. Eu já me sentia assim, mas precisava de alguma coisa que me levasse a me encorajar e assumir de fato. Eu tenho um pai extremamente machista, homofóbico. Quando aconteceu, foi tudo meio que uma mentirinha. Comecei a tomar hormônio e quando minha mãe via, perguntava pra quê era o remédio e eu mentia, dizia que o remédio era pra outra coisa. As mudanças do corpo começaram: o peito ficando maior, a auréola do peito, entre outras mudanças como a textura da pele, o pelo. Meu pai sempre fica muito atento a essas coisas no meu corpo, e começou a perceber que eu tava tomando alguma coisa. Aí eu disse: "Quer saber a verdade, eu tô tomando hormônio feminino". Comecei a assumir, troquei as cuecas por calcinhas, e minha mãe, por mais que tivesse preconceito, foi entendendo a minha identidade. Hoje ela lava minhas calcinhas, já comprou sutiãs pra mim, me vê me maquiando. Mas teve uma fase que eu saía montada, mas chegava na porta de casa e tinha que tirar e entrar em casa como Edson. Aquilo pra mim era...

"Até quando eu vou viver isso? Por que eu tenho tanto medo? Por que eu não encaro o que eu sou de fato?". Até que eu disse: "Não, não vou mais viver essa situação. Ou eles vão aprender a conviver com isso, ou vai chegar um ponto que eu vou procurar meu rumo". Eu nunca percebi isso como algo agressivo, como uma mudança drástica, não foi de uma hora pra outra. Hoje eu convivo muito bem com a minha mãe, é prazeroso estar com ela, existe muito amor. (Com) o meu pai eu sinto que também existe, mas ele é muito carrancudo. No final das contas o que a gente quer é que a família seja a base





# POISON

de tudo. Se a gente não tem o apoio da família, é o que acontece: a gente vai pra rua, sai de casa, encontra a primeira cafetina, vai se prostituir e não sai mais, ali estanca.

**POISON:** Qual momento da vida que você começou a fazer parte do coletivo artístico As Travestidas?

**Patricia Dawson:** Na realidade, quando eu entrei no coletivo, entrei meio como fã, porque eu havia conhecido duas integrantes, que eram a Alicia Pietá (membro do coletivo) e o Jomar, que é a Verónica (Valentino, vocalista da banda Verónica Decide Morrer), e a gente se conheceu num momento em que eu já trabalhava no teatro e sempre as via e as endeusava, porque eram figuras públicas super faladas e super aclamadas, então eu sentia a necessidade de ser daquele grupo, de ser amiga delas. Por coincidência do destino a gente viajou pra mesma praia na Semana Santa e nos esbarramos. Começou ali uma amizade, me falavam do Cabaré da Dama (espetáculo do grupo), me convidavam pra assistir. Começou meu contato com elas, com o Silvero (Pereira, membro-fundador do coletivo). Eu comecei como camareira dele, e uma vez ele me chamou pra fazer parte do elenco do Cabaré. Eu tinha aquele preconceito de me vestir de mulher, não queria fazer, achando que todo mundo ia saber, que minha vizinha ia. Por isso que eu digo pra eles que é fundamental a presença deles na minha vida, por mais que eu já esteja com minha opinião formada, por mais que eu não

ver, morria de medo da minha família ficar sabendo. Fomos para o Festival de Teatro em Guaramiranga, em 2009, e foi quando a Patricia surgiu, de forma bem tímida. Foi aí onde começou a grande sacação, “eu orno mais como mulher do que como gay”. Surgiu essa vaidade de me vestir de mulher, ter roupa de mulher, comprar perucas novas, a preocupação de sempre andar com a unha pintada, todo brinco que eu via eu comprava. A vaidade foi crescendo e eu percebi que eu era isso, mas precisava da vivência pra poder assumir. Fui assumindo aos poucos. Quando comecei a ver o preconceito que vinha dos próprios gays com a gente, depois que vários amigos se afastaram de mim por isso, eu decidi lutar cada vez mais, me apropriei realmente disso quando eu comecei a sentir na pele tudo o que nós sofremos, quando assisti BR (BR Trans, espetáculo do coletivo), via um depoimento do Silvero, ouvia uma música – lembro que quando escutava Três Travestis (música de Caetano Veloso, utilizada no espetáculo) eu chorava pincas. Por que que a sociedade tem que ser assim? Por que os homens que um dia se deitam com a gente, no outro dia nos renegam? Foi quando eu botei na cabeça que eu tenho que lutar por isso, pra acabar com isso, mostrar pras pessoas que não é dessa forma.

**POISON:** Como você percebe o alcance que você tem diante das pessoas que são iguais a você? Como você enxerga o alcance da sua arte?





# POISON

Patricia Dawson: Na realidade, eu me sinto muito musa inspiradora para várias coisas. Eu me vejo uma inspiração para aquelas que assim como eu se sentem minoria, menosprezadas. Por mais que eu tenha os meus maus-humores – tem horas que eu sou chata –, as pessoas dizem que sempre me veem de bem com a vida. Quando eu falo da arte, o que eu fico mais feliz é que as pessoas geralmente estão acostumadas a me ver como a figura frágil – eu sou a chorona do grupo, uma palavra que define a Patricia no coletivo é “chorona” – mas eu fico superfeliz, supercontente, quando alguém que assistiu à peça diz assim: “Patricia, é tão bonito ver sua força em cena. É tão bonito te ver com aquela coragem. É tão bonito quando você diz aquela frase: ‘a minha força está na solidão, eu não tenho medo das chuvas tempestivas, nem das ventanias soltas, porque eu sou o escuro da noite’”. Eu percebo que estou no caminho certo e por mais que tenha essa coisa do sofrimento, que todas têm, no palco eu tô ali pra representar a fraqueza, mas principalmente a força da mulher trans. De lutar, de ir atrás, de conquistar as coisas. Então fico muito feliz.

**POISON:** Essa sua relação afetiva, positiva, com seu corpo te fortalece na sua identidade?  
**Patricia Dawson:** Me fortalece. Sempre coloco na minha cabeça que eu tenho minha sensualidade, eu tenho meus balangandãs que me fortalecem. Mas ultimamente eu tenho percebido que – não é que eu tenha que deixar de ser gordinha – mas eu preciso me cuidar mais, porque eu estou muito sedentária e eu percebo que isso está acarretando coisas prejudiciais à minha saúde. Por exemplo, eu já percebo que estou começando a ter dor nas pernas. Deixar de ser gordinha eu não quero nunca, é a minha marca, é o que eu sou, eu não consigo ver e acho que ninguém mais consegue, na face dessa terra, ver a Patricia magrinha, uma modelo de passarela. Eu tenho um grande proveito do meu corpo, porque eu consegui conquistar muitas coisas, mesmo na questão de paquera, que eu percebo que um e outro se interessam pelo meu biotipo. ‘Olha, a gordinha é gostosa, viu!’. E na cama, quantas vezes eu já ouvi isso? (risos)

**POISON:** Como você consome essa moda, que é mais produzida para um corpo eurocêntrico, magro, branco?  
**Patricia Dawson:** Eu não sigo moda. Eu nunca segui na verdade. Coisas de plus size eu não vejo. Eu procuro me imaginar dentro de uma roupa. É tanto que muitas peças minhas são feitas, eu geralmente não compro em loja. Se eu vejo um tecido que me agrada, eu já imagino como poderia ficar um modelo de vestido que ficaria bonito em mim. Desenho, vou à costureira. Nunca fui de me prender a ‘nessa loja não tem nada pra mim’. Não tenho esse sofrimento. Tem muito o estado de espírito também. Eu que crio a minha moda. Geralmente, eu até encontro coisas pra gordinha, mas nem sempre me agradam 100%. Porque sempre vou querer um decote que nunca vai ter. Eu gosto de andar com roupa apertada, curta. Não gosto de esconder minha gordura em metros e metros de pano. Eu abomino isso.

# POISON

**POISON:** Você percebe algum movimento de aceitação do corpo fora do padrão e produção de uma moda mais libertária que não recrimine tanto as diferenças?

**Patricia Dawson:** Eu não estou muito no mundo da moda, não acompanho, mas tenho algumas amigas que são modelos plus size. Eu acredito que aqui no Ceará tem crescido muito esse universo. Está em ascensão, mas ainda percebo que as pessoas meio que não aceitam ou não dão a devida importância. Mas eu acho lindo. Quando vi umas fotos de umas amigas, falei: ‘Vocês têm que ter uma modelo trans plus size’. E elas: ‘É uma boa ideia’. Mas essa boa ideia nunca passou de uma boa ideia, porque elas nunca me chamaram. (risos)

**POISON:** Você já pensou em modelar?  
**Patricia Dawson:** Qual bicha não tem o sonho de desfilas? Eu brincava com o lençol. Mas eu tinha que treinar muito, assistir muito America’s Next Top Model. (risos) Mas eu tenho vontade sim de modelar, é algo que eu acho que gosto muito, além de atuar. Porque também é uma forma de atuação. Eu me vejo modelando. É fantasioso e é incrível.

**POISON:** E quanto à moda autoral, você consome?  
**Patricia Dawson:** Não, eu tenho ódio dos estilistas. Já desfilei para alguns, mas nunca compro peças deles, eles não fazem. É tanto que é sempre as (modelos) magrinhas. Já conversei com vários e digo que eles precisam fazer peças para as gordinhas também, porque vai vender. Tem sempre uma gordinha descolada que gosta. Dizem: ‘Patrícia, a gente vai fazer’. Já conheço essa frase, nunca vão fazer. É disso que eu sinto falta. Quando entrei na passarela do Dragão Fashion, eu fui ovacionada. As pessoas gostam do diferencial. Entrei com uma peruca black, bem bonita. Sempre pensam como a ridícula, mas eu não penso assim, penso como a nova Giselle Bündchen.







NOUVEAU DESIGN, NOUVEAU CONFORT  
ÇA CHANGE TOUT.



Louvre Hotels Group - SAS au capital de 117 625 104 € - 309 071 942 RCS Nanterre - Photo non contractuelle

**Campanile**  
HOTEL RESTAURANT

Redécouvrez le plaisir de dormir, réservez sur [campanile.com](http://campanile.com)





**capo**



Quem veste a moda que você veste?  
Quais corpos podem usá-la?  
Moda é identidade, comunicação.  
Por isso apresentamos o manifesto á moda  
que vista TODOS OS CORPOS!

por David Marques. Fotos por Brenda Kelvya. Produção por Mallkon Araújo e David Marques.  
Modelo: Luiza Nobel.





















melissa.®



melissa.®





# The Lady Punk!



por David Marques.

**N**ão poderíamos concluir a edição de lançamento da POISON com outra pessoa. Vivienne Westwood se mostra como um dos maiores nomes da moda e traz sempre cada vez mais contribuições riquíssimas para esse universo. Não é atoa, a estilista se forjou no contexto da subcultura do Punk, e desde então o movimento trouxe importantes subsídios para suas criações.



# POISON

O punk tem seu início na década de 1970, em Nova York. Jovens estudantes e desempregados, em meio a um contexto de declínio econômico, fragmentação social e revolução, o movimento que vem se opor ao lema "peace and love" dos hippies da época, gritando por "sex and violence", ironicamente não estava descolado da moda.

Vivienne Westwood, nascida na cidade de Glossop, na Inglaterra, em 1941, tem grande importância para a popularização da estética punk no mundo da moda. Filha de mãe tecelã e pai sapa-teiro, a estilista inglesa cresce envolvida e influenciada por essas duas áreas, o que diz muito sobre toda sua criação como designer.



Aos 17 anos Vivienne se muda para Londres e vai estudar Moda na Faculdade de Arte de Harrow, começa a nutrir a ideia de seguir pelo ramo de designer de joias, mas não acredita muito em suas aptidões para o mundo das artes e se torna professora de escola primária, pensando na estabilidade e segurança da profissão. Nessa época a estilista casa com seu primeiro marido, o qual renderia seu sobrenome e nome artístico, mantido até hoje, Derek Westwood.

Mais tarde, depois de divorciar-se, Vivienne entrega-se novamente ao universo das artes e do design e conhece o homem que teria grande importância em sua carreira como estilista. Malcom McLaren era produtor musical, e junto de Vivienne Westwood formaram dois dos maiores nomes da subcultura punk.

# POISON



Juntos, Vivienne e Malcom, abriram a loja "Let's it rock" e viraram sócios, e foi lá que a estilista começou a ter liberdade para criar e iniciou explorando a periferia da capital inglesa como público de suas criações, reanimando a juventude underground dos anos 50 com isso. Mais tarde a loja mudaria de nome para "Too fast to live, too young to die", onde trabalhava com muito látex, couro, t-shirts e artigos fetichistas.

Após muitos processos e algumas mudanças, o casal resolveu alterar novamente o nome da loja para "SEX". Mesmo mudando de nome várias vezes, a loja sempre se manteve fiel ao endereço, na King's Road em Londres, se tornando referência histórica e turística nos dias de hoje.

A "SEX" ficou famosa por ser a primeira boutique punk do mundo e era frequentada por grandes nomes da subcultura, como Boy George, Siouxsie Sioux e Viv Albertine. Como o movimento também não era descolado da música, esse era um fator muito forte e foi algo muito presente no "marketing" da "SEX", principalmente por Malcom ser produtor musical. O casal foi responsável por vestir a banda "Sex Pistols", nascidos na "SEX", e tê-los como vitrine da boutique. Em 1976 a loja muda novamente de nome para "Seditionaries", mas continuando a ser o coração do punk londrino, unindo todos os interessados na popularidade dos Pistols.





# POISON



Foi graças a Vivienne, por exemplo, que o DIY ganhou mais força no mundo da moda, partindo de ideais anticapitalistas do movimento punk, sendo introduzido por ela os rebites, alfinetes e roupas rasgadas. Com ideais apartidários e libertários, o movimento estimulava visuais únicos onde até os cabelos curtos eram um manifesto: opunham-se aos longos fios dos hippies.

Com o colapso da banda Sex Pistols e o punk se tornando cada vez mais mainstream, o casal se desencanta e se divorciam em 1980. Na época Vivienne altera novamente o nome da loja para "World's End", nome que está até hoje. Nesse momento a estilista também começa a se reinventar e se redescobrir, e fortifica a veia política que traz em suas criações. À partir desse momento seu nome começa a ficar mais forte e sua identidade mais coesa. Em 1982 Vivienne faz sua estreia em Paris e é a primeira mulher a desfilarem na capital francesa anos após Mary Quant.

# POISON



Atualmente seu nome é associado a uma moda questionadora, provocadora e irreverente, que traz temas políticos, sociais, e muita polêmica para a passarela, fruto da identidade inconformada de Vivienne. E mesmo sendo conhecida pelos ataques ao establishment, e por inorizar a monarquia (quem não conhece a icônica "God Save The Queen"?), a estilista recebeu em 1991 o prêmio de estilista britânica do ano e aos 64 anos o título de "Lady" pela Rainha Elisabeth II da Inglaterra.

Em tempos de uma moda tão apática, o nome de Vivienne Westwood, sempre com sua inquietude problematizadora, se distingue de tantos outros por representar aspectos tão necessários atualmente, e que não poderia ser diferente, considerando a bagagem cultural da Lady Punk!





